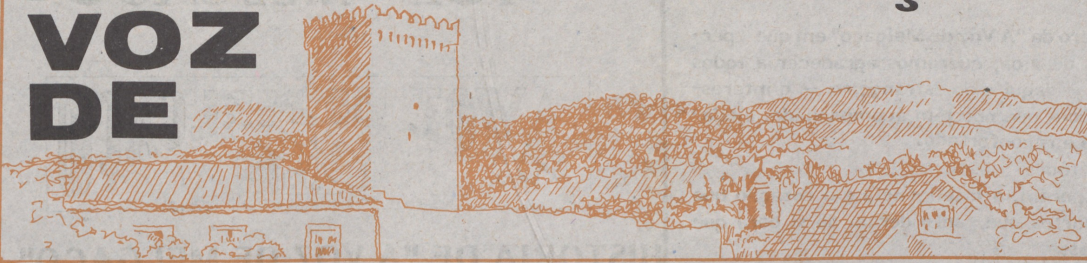


# A VOZ DE

# MELGAÇO



DIRECTOR  
JÚLIO HILARIÃO VAZ



QUINZENÁRIO  
PORTE PAGO

Preço Avulso — 20\$00  
Publica-se nos dias 1 e 15

Melgaço 1 de Junho de 1986 — Ano XL I. — Nº 825 — Tiragem da última edição — 1100 exemplares

## FAZEMOS 40 ANOS!...

Foi em 1946!

Apareceu "A Voz de Melgaço", havendo, já, um outro jornal na nossa terra.

Razões, que se expõem neste mesmo número, explicam, e justificam, o nosso aparecimento.

Não é, porém, este facto — o aparecimento — que desejamos assinalar. É estoutro: dos jornais que, desde 1887 — e foi o primeiro — existiram na nossa terra, "A Voz de Melgaço", é aquele que mantém a maior longevidade com a mesma equipa que o lançou: proprietários e Director.



*P. Carlos Vaz, a alma deste jornal*

*Projecto o melhor.*

*Espero o pior.*

*Aceito de ânimo igual*

*O que Deus quiser*

(S. Francisco Xavier)

Volvidas quatro dezenas, perguntar-se-á, em alguns sectores, preferentemente, se o jornal local é útil e necessário. Este ou outro. Ou este e outro.

A resposta damos-la com a transcrição de textos que alguns assinantes nos enviaram sem pensarem nem nesta data — 40 Anos de existência — nem na publicação das suas palavras.

Guardamos algumas cartas e transcrevemos.

O Sr. Amadeu Afonso Domingues, que reside em Almada, escreveu-nos: "Escrevo-lhe estas linhas para o saudar e lhe desejar muita saúde, força e coragem na liderança deste mensageiro tão querido e apetecido de todos os Melgacenses.

Eu, quando o recebo, fico tão contente como se fosse uma carta de um familiar meu, e largo tudo para o ler todinho...

São as saudades desse cantinho onde nasci e de todos com quem convivi, alguns já falecidos, como o meu querido irmão Arménio, e tantos outros que os guardo sempre no coração.

Como vê, Sr. Director, nós os Melgacenses andamos espalhados pelo Mundo, mas os nossos corações estão aí onde nascemos..."

É o jornal local "como se fosse uma carta de um familiar meu". Escreveu assim, o nosso Amadeu Afonso Domingues.

Desejo confirmar a afirmação com uma carta de Beatriz Lima a viver na cidade do Porto.

A carta é de 9 de Fevereiro de 1984. E diz: "Sou assinante deste indispensável jornal, resido no Porto há 50 anos, estive a estudar em Braga no Liceu Sá de Miranda e vou resumir em duas palavras o que pretendo.

No jornal nº 765 de 1-12-83 li com muita emoção um artigo referente a D. Palmira de Jesus Domingues que vinha na primeira página.

Tenho lido outros também, mas este quase me matava de saudades. Ao ver a fotografia dela, de quem não soube mais, senti desejos de lhe escrever a recordar os 15 anos que ela e eu tínhamos nesse tempo. Mas não sei a direcção completa. Por isso pedia a V. Ex.<sup>a</sup> se dignasse mandar-ma para eu lhe escrever recordando uma colega de quem fui muito amiga".

E o Sr. José Augusto de Campos Esteves em estilo Telegráfico escreveu-me: "aproveito a oportunidade de lhe enviar um cheque a fim de pagar a assinatura anual do jornal que eu acho extremamente útil a Mel-



gaço".

Não fazemos comentários.

\*\*\*

Neste número de "A Voz de Melgaço" em que per-  
fazemos 40 anos de vida, queremos agradecer a todos  
os Melgacenses — daqui e do estrangeiro — o interes-  
se, e o carinho com que nos têm acompanhado, ajuda-  
do, entusiasmado e reconfortado.

Obrigado a todos.

Exige-nos, porém, a inteligência e o coração que  
lembramos os mortos que tanto deram de si para que  
este jornal singrasse.

O padre Carlos fundador, deu-lhe tudo: vida, saú-  
de e carteira; o Dr. Júlio Esteves deu-lhe o entusiasmo  
dos primeiros anos; o Mário deu-lhe uma colaboração  
intelectual, histórica e regionalista; o prof. Dâmaso  
Lopes deu-lhe a graça da sua prosa cáustica e jocosa;  
o Dr. Abel Varela Seixas deu-lhe a presença jornalística  
do escritor analista e pedagogo.

Recordá-los neste dia — 40 anos de "A Voz de  
Melgaço — é homenagear com a inteligência e com o  
coração, em respeitosa saudade e gratidão, os que pres-  
tigiaram o nosso jornal vivendo-o como se fosse algo  
do seu próprio sangue.

Sobre as suas campas descem as nossas lágrimas  
de profundo respeito e de gratidão imensa.

E, porque os mortos vivem nas obras que nos le-  
garam, todos eles viverão conosco neste jornal enquan-  
to existir.

O Director

SO DO MIGUEL  
PEREIRA  
ANTENA  
PARABÓLICA,  
ÉCRAN DE 20m2.

**Captação de  
emissões por  
satélite, etc!!!**

E verdade, amigos! Não  
é apenas no estrangeiro que  
os melgacenses dão cartas  
e são pioneiros! Em Melga-  
ço, concelho tão atrasado  
em certos aspectos, com  
troços de estrada que são  
uma vergonha e calamida-  
de, vai ser instalado um e-  
quipamento sofisticado e  
caro (mais de 4 mil contos  
!!!) que permita captar as  
emissões televisivas trans-  
mitidas por satélite, gravar  
em cassette, retransmitir, e  
tudo isto num écran maior  
do que o dos cinemas: 5x4  
metros.

A experiência começa  
com a transmissão dos jo-  
gos de futebol do campeo-

nato do mundo do México  
e será, depois, possível, ter  
em exclusivo, programas  
das televisões do mundo in-  
teiro que, de outra forma,  
seria impossível.

Parabéns ao dinâmico  
Miguel Pereira e que os ê-  
xitos sejam totais. Oxalá  
outros o imitem em pionei-  
rismo e em investimentos  
que contribuam para o pro-  
gresso e desenvolvimento  
da nossa terra!

**A NOSSA NOVA IMAGEM.**

Ao fazermos 40 anos,  
quisemos retocar a apresen-  
tação da 1ª página do Jor-  
nal por forma a torná-lo  
mais sugestivo e consentâ-  
neo com o que o título diz:  
"A Voz de Melgaço".

Foi a Dr.ª Lurdes Ma-  
galhães, professora de Edu-  
cação Visual da Escola Se-  
cundária Carlos Amarante,  
de Braga, quem fez o novo  
"Design". Cremos que ele  
vai agradar plenamente.

Aqui fica o nosso prei-  
to de gratidão.

**A VOZ de MELGAÇO**  
PERIÓDICO CATÓLICO E REGIONALISTA



**HISTORIA DE "A VOZ DE MELGAÇO"  
EM TRES CAPITULOS**

Em 30 de Maio de 1946 saiu o primeiro número  
de "A Voz de Melgaço" o qual correspondia ao dia 1  
de Junho imediato.

Por que esta brevíssima antecipação?

Por ser dia da Ascensão do Senhor e Feriado Mu-  
nicipal e o nosso jornal seria, essencialmente, **católico  
e regionalista**.

Justificamos este relevo publicitando-o no fron-  
tespício e no editorial: "Tinha de ser católico o nosso  
jornal, já pela fé ardente do nosso povo, já pelas tradi-  
ções históricas da nossa terra, já pela acção que nos  
propomos desenvolver"; e

"Tinha de ser regionalista. É de Melgaço e para  
a gente de Melgaço".

Porque apareceu "A Voz de Melgaço"?

A razão é muito simples: "Notícias de Melgaço",  
onde pontificava o dr. Augusto César Esteves, embora  
sem qualquer compromisso oficial público, nem sempre  
tratava a Religião e o Clero com a objectividade e  
o respeito que se lhes deviam. O P.<sup>o</sup> Carlos Vaz, páro-  
co de Roussas e arcepreste, em conversa directa com  
o dr. Augusto chamou a atenção deste para as respon-  
sabilidades morais e sociais da imprensa, concretizan-  
do a sua advertência.

Não foi nem bem recebido nem bem compreendi-  
do.

Ao terminar do encontro, o padre Carlos avisou  
o dr. Augusto Esteves de que se iria publicar, então  
um outro jornal.

Assim aconteceu.

Esta a justificação, até pastoral, do aparecimen-  
to de "A Voz de Melgaço".

A ideia não era nova.

Com alguns anos de antecedência um grupo de  
alunos do padre João Vaz, professor oficial do ensino  
primário, no lugar da Adedela, Fiães, havia planeado  
o lançamento de um jornal, cuja impressão se faria  
na Vila dos Arcos de Valdevez.

O padre João e o padre Raimundo Prieto apoi-  
aram os "novos".

A ideia não vingou.

Reapareceu, em 1946.

O dr. Júlio Outeiro Esteves, médico, natural de  
S. Gregório, Cristóval, apoiou a iniciativa e colaborou  
nela, sendo o Chefe de Redacção e Editor.

Estes os primórdios da fundação de "A Voz de  
Melgaço", vistos na sua origem local. Como oficializar  
tal desejo? Nessa altura — 1946 — a autorização pa-  
ra se lançar um jornal era concedida pela Direcção  
dos Serviços da Censura.



Nesse sentido, os padres António Luis Vaz e Júlio Hilarião Vaz, irmãos, ambos a trabalhar em "O Diário do Minho" requereram a devida autorização.

Foi-nos concedida, tendo-se-nos exijido, através de um banco — Banco Nacional Ultramarino — a garantia de 3.600\$00 junto da Direcção dos Serviços a/f. do jornal "A Voz de Melgaço". Esta garantia só nos foi cancelada em 31 de Julho de 1951.

A Censura acompanhou-nos sempre até em circunstâncias impensáveis como adiante se registará.

\*\*\*

Em 1 de Março de 1949 o dr. Júlio pede a demissão, alegando várias razões. Colocou, no entanto, em primeiro lugar, as exigências da saúde.

Em 15 de Março deste mesmo ano é substituído pelo padre Carlos António Vaz.

Que se passara, de facto?

Vindo do Porto chegara ao nosso meio, um indivíduo, que a nossa gente baptizou de "O Bateiro".

Este "Bateiro" obteve terreno, junto a S. Bento do Cando, na Gaviéria, para tentar obter batata de semente nacional.

O nosso correspondente da Gave, José Maria Rodrigues, fez uma crítica ao Agricultor da serra da Peneda, devido ao pagamento dos salários: "Não pagou ao preço estabelecido" fez aos trabalhadores descontos inconcebíveis — injustos — e não lhes pagava "os dias que trabalhou por completo".

\*\*\*

### CASO POLITICO

O dr. Júlio Outeiro Esteves, ligado á política através da U. N., de que era membro, foi pressionado pelos políticos "situacionistas" e tentou junto do Director do quinzenário que a notícia do correspondente da Gave fosse desmentida.

O Director enviou a carta recebida ao correspondente, e o José Maria Rodrigues confirmou e reforçou o que já tinha escrito.

Não havia cabimento para o desmentido.

O dr. Júlio Outeiro Esteves pede a demissão.

Trata-se de um Caso Político que vai alastrar e redundar em polémica que se mantém nos jornais da terra: "Noticias de Melgaço" e "A Voz de Melgaço".

Nesta altura havia dois assuntos quentes: o dos Serviços Florestais e do abastecimento de milho ao Concelho.

Estes assuntos são tratados em "A Voz de Melgaço" os quais motivaram uma Nota oficiosa do Presidente da Câmara de então.

Inicia-se uma polémica viril, rija e, por vezes, violenta.

Desta polémica surgiu a:

\*\*\*

### QUESTÃO JURIDICA

E este o segundo capítulo da nossa história.

Apareceram três processos — crime contra "A Voz de Melgaço":

— um do dr. Júlio Outeiro Esteves contra o Director do Jornal;

— outro da Câmara Municipal contra o prof. Dâmaso Lopes, colaborador; e

— o terceiro do dr. José Abreu contra o nosso correspondente de S. Paio, António Ribeiro.

O Ministério Público regeita logo o terceiro. Ficavam os dois restantes:

O mesmo Ministério Público pronunciou o Director de "A Voz de Melgaço" e o prof. Dâmaso Lopes.

Como, na altura, os processos por liberdade de imprensa eram regidos por legislação especial, o Director apelou, sendo despronunciado pelo Supremo Tribunal de Justiça, que lavrou a seguinte sentença em acórdão de 28 de Janeiro de 1953: "A diversidade de objectivação do delito nas duas instâncias é suficiente para revelar que a imputação ofensiva suscita dúvidas. Mas tanto o tribunal da Comarca como o da Relação, para chegarem às conclusões a que chegaram, de ter havido ofensa e intenção de ofender, consideraram a última palavra do período anotado na acusação como referente a homem, isto é, como significando homem de carácter, homem de bem. Ora o que se escreveu não foi "seu dever e dever de homem de carácter" mas sim, "seu dever e dever de carácter". E a significação mais natural, sem opinião antecipada, a dar a esta palavra, assim empregada, é a etimológica; basta substituí-la pelo seu sinónimo "qualidade" e o sentido da frase mantém-se e até se clarifica".

Como se vê, o advogado de acusação alterara o texto que havíamos escrito!...

O acórdão é assinado por Cruz Alvura, Bordalo e Sá e Lencastre da Veiga, é veio publicado em "Boletim do Ministério da Justiça" de Março de 1953.

Dos três processos — crime, dois estavam arruados:

um porque não fora aceite, e outro por acórdão do Supremo Tribunal de Justiça a despronunciar o reu, que era o Director do jornal, padre Júlio Hilarião Vaz.

Nenhum deles foi a julgamento, pois.

Restava o terceiro: o prof. Dâmaso Lopes.

Este foi a julgamento e julgado no Tribunal de Braga.

#### «A VOZ DE MELGAÇO»

PROPRIETÁRIOS  
A. LUIS VAZ — JÚLIO H. VAZ  
DIRECTOR ADJUNTO  
E ADMINISTRADOR  
CARLOS NUNO S. VAZ

Redacção e Administração  
Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4700 — BRAGA — Tel. 25284  
Composto e impresso em Offset na  
Litografia A. C. — Braga

Assinaturas (Anual)

PORTUGAL — 500\$00  
ESTRANGEIRO — 750\$00

Aos assinantes pede-se o  
pagamento no início de  
cada ano

#### SR. EMIGRANTE

DEFENDA O SEU DINHEIRO  
DA INFLAÇÃO

COMPRE! MAS COMPRE BEM  
Temos para si: Vivendas - Apartamentos - Terrenos - Lojas e Escritórios  
com rendimento garantido do Norte ao Sul de Portugal

CARLOS RIBEIRO — TEL. 271.12.47  
CITÉ DU PETIT THOUARS  
75003 PARIS - MÉTRO - REPUBLIQUE

#### Dr. Paulo Malheiro ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães,  
n.º 7 - 1.º Dto. 2700 Amadora.  
Telef. 4940478

#### Manuel Domingues

ADVOGADO

Escritório:  
Rua das Escolas  
MELGAÇO



Como explicar o julgamento na cidade de Braga, sendo o jornal de Melgaço?

A lei determinava que o Tribunal competente era o do local onde o jornal tivesse a Administração e este local, de "A Voz de Melgaço" era em Braga.

Este facto trouxe ao de cima a arbitrariedade e a prepotência da Censura à imprensa que então vigorava.

Os políticos concelhios e distritais levaram a Direcção Geral da Censura a **obrigar-nos** contra lei vigente a alterar o local da Administração, criando esta aberração: o local da Administração passava a ser em Melgaço e o Administrador tinha domicílio em Braga, porque era professor do Seminário e Redactor de "O Diário do Minho".

O prof. Dâmaso Lopes foi julgado, pois, em Braga por um Tribunal Colectivo, como a lei ordenava.

E foi absolvido.

Dos três processos — crime contra "A Voz de Melgaço" nenhum teve êxito.

Acabou o segundo capitulo de "A Voz de Melgaço". Volvidos alguns anos tranquilos, surge o último capitulo.

\*\*\*

#### CONFLITO ECLESIASTICO

Este surge nos anos setenta.

É um capitulo longo e árduo.

Não o podemos ignorar, porque estamos a fazer **história**. E esta é, sobretudo, escrita de objectividade, de clareza e de análises sérias.

É o que vamos fazer.

Os factos documentam-se com notas da Censura, então chamada Delegação de Exame Prévio.

Com data de 19 de Dezembro de 1972, recebemos um officio escrito nestes termos:

"Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director do Jornal "A Voz de Melgaço" Melgaço

Por comunicação telefónica do Director da Direcção de Exame Prévio.

Não é consentida qualquer referência ao assunto dos reverendos Padres Vaz com sua Ex.<sup>ia</sup> Reverendíssima o Arcebispo de Braga.

Viana do Castelo, 19 de Dezembro de 1972.

O Delegado da C.E.P.

Napoleão Pita Meira de Amorim."

Nos mesmos termos recebemos novo officio do mesmo Delegado em 22 de Dezembro.

Antes de referirmos como apareceu a Censura em um caso exclusivamente eclesiástico, queremos prestar a nossa homenagem ao Delegado Distrital.

A razão é muito simples: assumiu a sua responsabilidade por **escrito**, enquanto o de Braga o faria telefonicamente!...

Os padres Vaz eram três: Carlos, António e Júlio; o Arcebispo de Braga era D. Francisco Maria da Silva.

Em 1965, o padre Júlio anunciou a publicação de um livro no qual analisava a crise dos seminários e a reestruturação dos mesmos. O livro intitulava-se "Actualização".

Por sua vez o cónego António Vaz escrevia sobre o Concilio Vaticano II e as suas implicações na vida moderna.

O "Jornal de Noticias", dirigido por Manuel Pacheco de Miranda, iniciou uma secção religiosa sema-

nal que o padre Júlio dirigia.

O mesmo jornal enviara por duas vezes, o Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz, sobrinho daqueles sacerdotes, a Roma a fim de fazer a reportagem dos Sinodos dos Bispos.

Os padres Vaz tinham, pois bastante presença nos meios de Comunicação Social e expressavam-se com personalidade, procurando deduzir as coordenadas eclesiais que se entrecrovavam nos anos pós — conciliares.

D. Francisco Maria da Silva, que sucedera a um grande Arcebispo, D. António Bento Martins Junior, arcebispo inteligente, estudioso, actualizado e compreensivo, não era da Diocese de Braga, e vinha de Evora, e por muitas razões não conhecia o ambiente e não copiou as lições mestras do seu antecessor.

Acrescia que era impetuoso, irreflectido, por vezes, e demasiado autoritário. De tal modo e forma que, durante o conflito com os padres Vaz, um Bispo português, inteligente, cultissimo, felizmente ainda vivo, tentando a solução conciliatória, me disse: "Não é possível, porque D. Francisco tem um conceito formado da autoridade".

Não tendo presente esta dolorosa afirmação não se compreendem os erros jurídicos cometidos conosco. Erros jurídicos, que qualquer leitor do Código de Direito Canónico seria incapaz de cometer.

Em relação a "A Voz de Melgaço" cometeu o erro de a julgar **porta-voz** da hierarquia ou da Igreja, condição que nunca desejámos como claramente dissemos no primeiro número: "Tinha de ser Católico o nosso jornal, já pelas tradições históricas da nossa terra, já pela acção que nos propomos desenvolver".

Na ofensiva contra os padres Vaz **ordenou** que se retirasse do frontespicio do jornal a afirmação de "Quinzenário Católico".

Não se cumpriu a vontade, aliás arbitrária, de D. Francisco por duas razões:

- o jornal não era porta-voz da hierarquia; e
- a decisão do Arcebispo de Braga contrariava a Instrução Pastoral "Communio et Progressio" a qual é bem clara sobre o assunto. Nela se escreve:
  - "As actividades jornalísticas dos católicos, que **abarcam** diários, revistas e todo o tipo de publicação periódica;
  - "As publicações católicas, que são consideradas **porta-voz** das actividades e organizações da Igreja".

Respondemos claramente em "A Voz de Melgaço" de 1 de Agosto de 1971, depois de analisarmos a citada Instrução Pastoral: "Continuamos no bom caminho, pois estamos com o Papa Paulo VI: somos imprensa católica, porque de católicos; mas não somos uma publicação católica **porta-voz** das actividades e organização da Igreja, portanto não somos porta-voz oficial da hierarquia".

Não executamos, pois a "ordem" do D. Francisco por ser errónea e abusiva. Não hesitou o **então** Arcebispo de Braga em tentar executar por uma via inadmissível os seus intentos: é que recorreu à Direcção da Censura para que nos impusesse a vontade episcopal. Recebida a "ordem" totalitária e intromissiva da Censura, recorreremos logo para o Presidente do Conselho, o prof. Doutor Marcelo Caetano.

O Primeiro - Ministro, que gostava de apoios, e neste caso episcopal, procurou servir a "diplomacia"



e quis convencer-me de que D. Francisco agira com sinceridade.

Repliquei-lhe com a Concordata, a qual não permitia essa ajuda à Hierarquia Eclesiástica em plano puramente eclesial.

Na volta do correio, ordenava à Censura que levantasse imediatamente a decisão, e ao Director do Jornal lembrou-lhe uma solução que "salvasse" a D. Francisco de uma desautorização pública: que um jornal católico, escrevesse-me, o era mais pelo conteúdo do que pela afirmação titulada.

Compreendi a diligência do prof. Marcelo Caetano. E fiz-lhe a vontade, porque havia ganhado a questão jurídica no plano próprio e no político.

Um segundo erro de D. Francisco neste plano — o da comunicação social, foi cometido em relação à secção que eu mantinha no "Jornal de Notícias".

D. Francisco havia publicado uma Nota a pôr de sobreaviso os católicos leitores.

Não reflectiu que o Bispo canonicamente capaz para o fazer era o Bispo do Porto.

Aconteceu, até, este facto: enquanto o Arcebispo de Braga tomava, injuridicamente, esta decisão, o Bispo do Porto que era D. António Ferreira Gomes, regressado do exílio em 1968, telefonava ao Director do "Jornal de Notícias", Manuel Pacheco de Miranda, a felicitá-lo pela secção religiosa congratulando-se pelo facto, e a perguntar quem era o responsável.

Durante estes quarenta anos temos procurado ser fieis aos objectivos que nos propusemos. E jamais esqueceremos a presença, a amizade, a dedicação do Arcebispo D. António Bento Martin Junior.

Esteve sempre conosco.

E quando nos processaram judicialmente, o advogado de acusação tentou associar o Arcebispo D. António, contra mim, réu. E abusivamente fez afirmações mentirosas. Sabendo-o, por cópia do documento oficial, D. António Bento Martins Júnior escreveu-me uma carta, pedindo que fosse apensa ao processo, a fim de que se repusesse a verdade.

Fechamos desta maneira o terceiro capítulo da História de "A Voz de Melgaço" em três capítulos que reflectem as dificuldades com que a imprensa se debate desde as questões politicas aos processos juridicos e às intervenções da Autoridade, mais frequente da Civil.

Louvamos a Deus, porque nos não abandonou, e agradecemos aos amigos e colaboradores, o aplauso que nos deram.

Júlio Vaz

## PORQUE EM SANTA RITA? HOMENAGEM INACABADA

Datada de 9 de Outubro de 1978, recebi uma carta de José Maria Rodrigues, escrita da Gave.

Abordava vários temas, e em determinada altura dizia: "E para quando a homenagem ao P.<sup>e</sup> Carlos?"

O concelho de Melgaço depressa se esqueceu de quem tanto o ajudou! É triste ver estas coisas de ingratidão! Os homens depressa se esqueceram... mas tenho a certeza de que Alguém não se esqueceu d'Ele!

Eu que durante bastante tempo convivi familiarmente com Ele — e que tanto me ajudou!... — posso afirmar que passou a sua vida a fazer bem. Quantas coisas eu recordo, por vezes, ainda que nessa altura era criança. Mas fixei tudo... tudo...

Para Ele não havia coisas impossíveis!

Bem cedo Melgaço perdeu um Homem... um Padre... e um Santo! E digo um Santo, confidencialmente, porque sei o que era o P.<sup>e</sup> Carlos.

E Melgaço... nós... e todos nós cruzamos os braços!"

O P.<sup>e</sup> Carlos foi um competente superior e professor do Seminário de Braga, um sacrificado e inteligente Director Espiritual do Reformatório de Vila do Conde, um assistente zeloso da Juventude operária Católica daquela linda vila da foz do rio Ave.

Em Melgaço, para onde veio em 1943, nomeado pároco de Roussas e Arcipreste concelho imprimia alma à vida paroquial, sentido apostólico à actividade arciprestal, e deu à Misericórdia e ao Lar dos Velinhos de Eiró o calor humano e sobrenatural que os mesmos pedem e agradecem.

Influente no plano social, ajudou muitos jovens a encontrarem colocação, protegeu os emigrantes vítimas das leis vigentes, quer libertando-os das cadeias quer visitando-os nos locais de trabalho.

Havia, no entanto, na alma e no coração do P.<sup>e</sup> Carlos uma presença dominadora, que o influenciara decididamente na sua missão sacerdotal: os doentes e, sobretudo, os velhos e os deficientes.

Enquanto residiu na cidade de Braga, foi capelão da Casa de Saúde "Bom Jesus" no sopé do monte do mesmo nome, casa povoada por doentes mentais; em Vila do Conde formou as almas dos adolescentes que eram internados no Reformatório para recuperação moral.

Chegando a Melgaço, cuidou dos Velinhos no Lar de Eiró, e dos doentes no Hospital da Misericórdia.

### RUI TAXA ARAÚJO

MÉDICO

RESIDÊNCIA E CONSULTÓRIO

NA

RUA DO CINEMA - 1.º DIR.

CONSULTAS ÀS: 2.<sup>a</sup> 3.<sup>a</sup> 5.<sup>a</sup> 6.<sup>a</sup> DAS 9.00 — 12.00H.

### MANUEL CAJÃO

MÉDICO — CLÍNICA GERAL

CONSULTAS: todos os dias e ao domicílio.

FONTE DA VILA — TEL. 42820

MELGAÇO



E os deficientes? E os velhinhos que não cabiam no Lar de Eiró; aliás fechado temporariamente, antes de Ele assumir a responsabilidade da Misericórdia?

Havia na freguesia que pastoreava uma pequena ermida dedicada a S. Rita e que o povo da região venerava.

O P.<sup>e</sup> Carlos concentrou ali, naquela joia de piedade, o seu pensamento, a sua acção e, até, a sua vida.

Concebeu uma ideia que artista competente objectivou:

- fazer da pequena capela um santuário;
- intensificar a devoção a S. Rita, fazendo do local um centro irradiador de piedade e cultural; e
- criar uma obra Assistencial para Velhos e Deficientes.

O plano concretizou-se ainda em sua vida.

Como todas as obras de Deus, também esta custou ao P.<sup>e</sup> Carlos suor, lágrimas, incompreensões, inveja, e, até, perseguições.

Tendo o apoio total e pleno do Arcebispo, D. António Bento Martins Júnior, de alguns sacerdotes, da Câmara Municipal, quando da presidência do prof. Manuel José Rodrigues, teve, também, a envolvê-lo o ciúme, a inveja, a malsinação. O padre Carlos tinha, no entanto, um apoio enorme: o dos fieis de S. Rita, o do Povo que gosta dos que trabalham a sério, e aqueles e estes não eram só de Roussas e do Concelho de Melgaço.

Eram de fora e, até, do Brasil.

Para manter esta vida, e esta união, criou as chamadas Madrinhas de S. Rita, as quais, mais do que peditórios, viviam os planos e as realizações pastorais e espirituais que o Capelão de S. Rita e pároco de Roussas promovia.

E quinzenalmente, o padre Carlos, na sua linguagem clara, objectiva, pastoral e piedosa informava a todos, em "A Voz de Melgaço", do que se passava naquele pequeno Santuário.

As festas de S. Rita, anuais, eram presididas por Bispos, às vezes, e a coral era polifónica, chegando a actuar o orfeão do Seminário de Santiago de Compostela.

Mas houve também o Calvário do padre Carlos em S. Rita.

Dele falou em carta para o Brasil, dirigida a D. Palmira de Jesus Domingues, uma das Madrinhas, carta que me chegou às mãos reenviada em Maio de 1977 e com estas palavras: "Ofereço à Família Vaz, especialmente a seu irmão P.<sup>e</sup> Júlio, a carta--reliquia em meu poder do saudoso P.<sup>e</sup> Carlos".

A carta fora escrita em Madrid, do Santuário de S. Miguel, onde trabalhava e trabalha uma freira a irmã Maria do Bom Jesus,, que havia trabalhado na Casa do Bom Jesus de Braga, quando o padre Carlos fora ali capelão.

Esta religiosa soube que o P.<sup>e</sup> Carlos estava doente e pediu-lhe, como que lhe exigiu, que fosse a Madrid para fazer umas análises.

O padre Carlos foi e escreveu a D. Palmira de Jesus Domingues, a seguinte carta, sem data: "Escrevo dum clínica de Madrid, onde está uma irmã portuguesa e que não descansou sem que viesse passar aqui uns dias e fazer umas análises. Aqui estou e penso dispor só de oito dias.

Não pude escrever-lhe de Portugal, agora que

a perseguição à Obra de S. Rita está no auge. Mas a última palavra é do Senhor. Já lá estão em S. Rita 4 irmãos nossos. Rezemos para que o Senhor nos abençoe a todos os que trabalhamos nesta obra. Rezemos. O que se fez já parece um milagre. Adeus."

O padre Carlos faleceu em 1 de Junho de 1972.

Neste mesmo ano com data de 3 de Agosto, "A Voz de Melgaço" publicou o seguinte documento:

Ex.mos Senhores Proprietários,

Director e Administrador de

"A Voz de Melgaço"

Os signatários, abaixo mencionados, sugerem e pedem a V. Exa.<sup>s</sup> para que no V Jornal seja aberta uma subscrição para ser levantado um monumento à memória do saudoso Padre Carlos António Vaz **como fundador da grande obra de Santa Rita e por todo o bem que fez no concelho de Melgaço e fóra dele.**

António Fernandes

António Abel Douteiro

António Augusto de Melo

Arménio Augusto de Melo

Augusto de Jesus Pires"

Esta voz teve eco quer no público em geral quer no Concelho como fora dele bem como na comparticipação financeira.

Este desejo, no entanto, não se concretizou.

Volvidos 40 anos sobre o aparecimento de "A Voz de Melgaço" e tendo sido o padre Carlos o seu principal obreiro entendemos que era em S. Rita, que ele recriou, que ele ampliou, a que ele deu vida pastoral e espiritual, e pela qual tanto sofreu que devíamos celebrar a parte religiosa do dia festivo que hoje celebramos.

Convém mergulhar na dor para saborear a grandeza e o esplendor das obras que se realizam; e é bom aprender a resistir e a vencer quando as ingratidões e as invejas pretendem destruir as obras ou minimizá-las.

Serve, até, a dor, na qual crescem as flores, e se revigora a consciência, para estimular os comodistas, os negligentes, os acomodaticios, os ciumentos, de que Cristo Jesus foi, também, vítima.

É a nossa homenagem, a de "A Voz de Melgaço" ao padre Carlos, na homenagem inacabada, que se iniciou em 3 de Agosto de 1972.

Júlio Vaz

## MANUEL DURÃES

O nosso pezado amigo assinante Snr. Manuel Durães, morador em Queluz-Bela-Lisboa, reformado da G.N.R., do serviço de trânsito, que tantos serviços dignos prestou em honra da farda que sempre soube envergar, veio há dias, a Melgaço, visitar os seus familiares e amigos. Pena foi que não o pudéssemos atender como merece, pois como sempre não deixou de vir cumprimentar os Amigos de "A Voz de

Melgaço". Só que os afazeres quotidianos e constantes, não me permitem atender com a atenção que merecem certos indivíduos. Mas, enfim, as pessoas sabem compreender. Soubemos que comeu a maravilhosa lampreia, regada com o nosso peculiar verdinho, de boa qualidade, e o afamado presunto de Melgaço.

→ Amigo Durães, Deus queira que venha durante longos anos e que tudo corra o melhor possível.

As nossas desculpas.

Miguel Pereira



## QUEM FEZ MAIS E MELHOR?

### O P.<sup>e</sup> CARLOS, 14 ANOS DEPOIS



P.<sup>e</sup> Carlos Vaz

Numa das crónicas de Santa Rita de 1971, apesar da amargura que a inqualificável multa camarária às obras em curso, nele causou, o P.<sup>e</sup> Carlos pergunta: "Quem fez mais e melhor na Diocese?"

A medida que os anos passam, mais pertinente e verdadeira é a pergunta feita pelo obreiro de Santa Rita a propósito das realizações lá efectuadas.

Santa Rita fez parte de um todo harmónico. A preocupação fundamental com a catequese levou-o a instaurá-la nos 3 centros de culto da freguesia: Igreja, Santa Rita e Cavaleiros, e a visitar as escolas primárias. A liturgia tinha como parte nuclear uma profunda evangelização no sentido de consciencializar os cristãos. Para tal, apesar de não haver luz eléctrica,

assinava 3 jornais diários de inspiração católica, vários semanários, e mais de uma dezena de revistas nacionais, espanholas e francesas, de que destacou: "L'Ami du Clergé", "Informations Catholiques Internationales", "Sal Terrae", "Razón y Fe" e "Etudes". A sua biblioteca era constantemente enriquecida com novos livros que realmente lia e assimilava. Por isso, as suas homilias, centradas no essencial, não eram mera rotina, mas profundamente doutrinárias e ajustadas ao meio.

Santa Rita nasce, como já disse, numa visão harmónica e global da pastoral: aproveitar uma devoção popular — muitas vezes, sentimental, piegas, epidérmica e pouco evangélica — para a transformar em ocasião de verdadeira evangeliza-

ção e conseqüente acção apostólica. Assim, os foguetes eram sempre coisa diminuta nas festas de Santa Rita, mas faziam-se todos os esforços por lá levar os melhores corais e, pregadores. Através de "A Voz de Melgaço" — de que foi a alma —, e com a colaboração de alguns sacerdotes de Melgaço e Monção, Santa Rita deixou de ser um assunto de freguesia para o ser de todo o concelho, de certas freguesias de Monção e dos melgacenses espalhados pelo mundo inteiro. E foi, então, o testemunho continuado de fé sincera e ardente, esclarecida e adulta, com obras a testemunhar também que o pastor de Rouças procurava estar de harmonia com a doutrina da Igreja e ser até pioneiro no melhor e mais produtivo dos sentidos.

Santa Rita só ganha a plena dimensão se, uma vez entendida como centro irradiador de piedade, fé e evangelização autênticas e adultas, a vimos como catalisador ou locomotiva de comprometimento cristão na tarefa primordial da vivência do amor de Cristo: **o carinho especial e o amor preferencial** — sem ser exclusivo nem exclusivista, como bem acentua João Paulo II — **pelos pobres**. Este, entendeu-os o P.<sup>e</sup> Carlos como muito poucos o fizeram. E eram para eles os que precisavam de uma ajuda ou de uma recomendação para conseguirem um emprego, os emigrantes — e foram muitos os que ele foi tirar das cadeias espanholas, desde Orense a San Sebastian — e a luta por leis que punissem tão severamente os chamados "desertores" os abandonados família e os que viviam

na miséria e que, para além de tudo isso, tinham deficiências físicas graves que os tornavam muito dependentes: os surdos-mudos, os cegos, os inválidos físicos. **Santa Rita fica amputada do essencial quando desligada deste amor entranhado pelos mais pobres**. O P.<sup>e</sup> Carlos, que já por eles lutava no Lar de S. José, em Eiró, distinguia bem a finalidade específica do Lar de Santa Rita. Foi esse o seu desejo mais veemente nas horas de luta, na doença e na agonia.

Sentindo-me com especiais responsabilidades do assunto pelo encargo que o meu saudoso tio e padrinho me deixou, tudo fiz, bem como a minha família, para que a vontade do P.<sup>e</sup> Carlos — Evangelho actualíssimo dos nossos dias — fosse cumprida. A burocracia e os poderes ditos legítimos deixaram cair este grande sonho do P.<sup>e</sup> Carlos.

E-me dolorosíssimo falar disto, mas não posso calar uma vontade testamentária de meu saudoso padrinho. S. Tiago adverte-nos de que "Quem sabe o que é bem e não o faz, peca". Silenciar, pode ser cómodo, mas não deixa de constituir falta gravíssima quando estão em jogo coisas tão essenciais.

Para, de alguma maneira, continuar a obra de meu padrinho dinamizo uma Associação que trabalha com deficientes físicos proporcionando uma colónia de férias e ajuda humana, cultural, social e também económica a mais de cem deficientes.

14 anos depois da morte do P.<sup>e</sup> Carlos, ainda tenho bem gravados na memória os momentos de teatro que se viveram na freguesia, os cortejos para Santa



Rita, com todo o colorido e folclore, a alegria com que fomos à doutrina e nos preparávamos para a 1ª comunhão e comunhão solene, para a visita pastoral, para o despique doutrinal com os da Vila na Senhora da Graça, o carinho da visita aos doentes; o enternecimento por cada esmola que chegava para as muitas despesas de Santa Rita; as cartas amigas que, do Brasil à França, da Espanha ao Canadá, traziam uma palavra de conforto e de presença numa obra que não se cansava de qualificar e

querer como "obra de Deus"; os ofícios que, gratuitamente, promovia em sufrágio dos mais pobres da freguesia, contando para isso, com a colaboração dos seminaristas; a casa sempre aberta para os que o vinham visitar; o apoio a qualquer seminarista do Concelho, quer na preparação para a entrada no Seminário, quer na ajuda nas despesas, quer nas visitas ao Seminário; o estar em dia com os problemas da agricultura, pois estava no meio de agricultores e podia e queria ajudar à sua promoção; as realizações

materiais mais palpáveis: estrada, represa do Renhadouro, telefone, escola primária, obras na Igreja e na residência.

Passados já 14 anos, ainda encontro pessoas que, ao falar nele, me dizem ou testemunham à família o que lhe devem em intervenção directa para ajuda na resolução dos mais variados problemas. E então acho que, sem vaidades, ninguém fez mais nem melhor na Diocese — e, na altura, abrangia os distritos de Braga e Viana.

Louvado Deus e a Senhora da Soledade! Mil gra-

ças a Santa Rita! E que todos quantos sentem sinceramente carinho pelo P.<sup>e</sup> Carlos, possam ter coragem de o homenagearem com o que ele mais apreciaria: uma vida pura, de louvor ao Senhor e de serviços, sobretudo aos mais necessitados.

Como lhe cantamos, neste dia, em Santa Rita:

"Mil cânticos de glória nas alturas se elevem ao Senhor... Em júbilo e alegria, aos pés do teu altar, Te vimos aclamar Jesus por nosso Rei!"

Carlos Nuno

## A MINHA PRESENÇA NOS 40 ANOS...



Cónego A. Luis Vaz

Co-fundador e proprietário de "A Voz de Melgaço", quero agradecer aos amigos que anuíram a colaborar conosco desde os 40 anos atrás: aos mortos e aos vivos. Entre os mortos, essa figura de gigante, que só não conseguiu alçar-se em voos de águia por lhe terem cortado as asas, ainda bastante novo: o P. Carlos.

Foi ele, mais do que eu e o P. Júlio, o homem da teima pertinaz, inquieto e determinado, até ver o sonho em marcha.

Fundar um jornal quando outro ocupava o reduzido espaço do concelho, tornando, assim, desnecessário — segundo os proprietários desse jornal

— outro que lhes viesse disputar o terreno, foi empresa de hércules. Sem exagero. Mantê-lo, enquanto o outro desaparecia, sem embargo das transfusões de sangue recebidas ao longo da lenta agonia, é um milagre de audácia, de coragem e de fé.

Claro que todo o anseio ficaria hipótese se, ao nosso lado, não estivessem colaboradores de topo, que tanto perderam — e as letras, com eles... — por terem ficado no interior, longe dos meios, onde a fama se ergue à custa do talento de cada um.

"A Voz de Melgaço" aí está nos seus 40 anos, ricos, prodigiosos, já agora indispensável para a história do concelho desde as origens. O P. Bernardo



e outros se encarregaram de reunir e publicar nas suas páginas documentos por tal forma já analisados e prontos para saírem publicados em livro que só ainda o não foram por motivos vários, entre outros o duma cultura local autárquica ainda não virada para esse sector e deseja de oferecer aos de cá e aos de fora o que perdido pelas páginas do jornal, acabará por desaparecer da próxima lembrança dos melgacenses.

Sentinela da tradição, instrumento privilegiado do serviço da Igreja — a Acção Católica, Congresso Eucarístico de Melgaço, entre outros — crítico positivo e lança-ideias de iniciativas revolucionárias, "A Voz de Melgaço" tem a consciência de haver cumprido com isenção, boa vontade, determinação e total empenho ao serviço do concelho e da sua gente. Mesmo quando se convocaram manifestações de repúdio a atitudes dela. Mesmo quando inimizadas, às claras ou latentes, a seguiram ao longo do caminho. Consciente das suas responsabilidades, procurou em todos estes anos, ser fiel a si e ao programa, com que

aparecera.

Ninguém lhe negará, certamente, a serviz levantada, independente de tudo e de todos, salvo de bem servir a população e os seus legítimos interesses.

Curiosamente, os leitores têm-no compreendido, assegurando-lhe, a par com os anunciantes, uma vida liberta de preocupações e de cuidados. Mesmo quando se sabe que o dia a dia da chamada pequena imprensa é atribulada, causticada por mil e um problemas que a salteiam noite e dia.

Uma palavra amiga — e será a última... — para quantos lhe vêm dedicando ternura e carinho, escrevendo nela notícias e comentários, críticas sérias e positivas, lançando iniciativas, aplaudindo factos e pessoas, de todas as vezes que o merecem e se lhes deve uma palavra amiga e justa.

Pois que Deus, que tanto nos ajudou até agora, continue a dispensar-nos graça e inspiração anos em fora, enquanto for da Sua vontade.

Te Deum laudamus...

A. Luis Vaz

## PARABÊNS, VOZ DE MELGAÇO

Aniversário de uma vida de 40 anos — 1 de Junho de 1946, gerado do idealismo de um Homem que o destino irónico nos tirou também num dia 1 de Junho de 1972.

Na tradição fraterna da família Vaz, seus colaboradores, irmãos Cónego António, P. Júlio e sobrinho Dr. P. Carlos Nuno, decidem continuar a ousada caminhada. As inerentes dificuldades de imprensa, mormente para imprensa local, não os desalenta. A boa imprensa é seiva de um povo. E vão até ao âmbito Internacional. Os DIREITOS HUMANOS estão presentes. A Voz de Melgaço será arauto de cultura, sobressaindo os valores morais e materiais deste belo rincão minhoto.

Desde assuntos cívico-religiosos o pitoresco da nossa terra ocupa maravilhosos artigos na pena culta do P. Júlio e colaboradores do jornal. Na área agro-pecuária salienta riquezas concelhias, acentua o afamado presunto, notadamente o de Fiães, lembra o feroz e altivo/cão castrejo...

Nosso jornal são páginas da história Melgacense. Por ele, a voz do Padre Carlos continua por entre o Convento St<sup>a</sup> Rita, numa aragem de Esperança de um dia ter "O Destino que lhe fôra traçado" como há tempos bem dizia o Dr. Nuno, num dos seus artigos.

Singrando oceanos afora, lá vai a Voz de Melgaço mensageiro de carta-família, mitigar nostalgia pátria, encorajar o emigrante na árdua luta da vida, unir a comunidade.

E prosseguindo a nobre causa, a nesga de um sonho será realidade.

Dr. Carlos Nuno dá vulto à Obra "AUXILIA" e será onde quer que seja. E tem na abnegação do afilhado competente direcção. Gesto que se torna convite a todos nós penetrar na vivência dos deficientes físicos, para melhor avaliar o mundo paraplégico, do privilégio de poder dar a mão aos irmãos que o SENHOR colocou em nosso caminho para sermos "Instrumentos do Seu Amor".

Enalteçamos, pois, OBRAS E HOMENS pioneiros do

bem.

Neste evento, agradecidos, parabenizamos a Direcção de "A Voz de Melgaço".

Em seu aniversário, os emigrantes da comunidade Melgacense radicados no Estado do Rio de Janeiro, em espírito, estão erguendo um brinde de vida perene "A Voz de Melgaço" e, uma prece silenciosa de saudade à memória do insigne Apostolo do Evangelho, Rev.<sup>mo</sup> Padre Carlos Vaz.

Salve! "A Voz de Melgaço".

Estado do Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1986.

Palmira Domingues



D. Palmira de Jesus Domingues



## FELIZ ANIVERSARIO

O que faz viver um jornal? Esta pergunta simples encerra em si um mundo de respostas que, paradoxalmente, têm pouco de comum.

Como é sabido, na imprensa estatizada, — "nossa" — é o erário público que suporta as despesas que excedem sempre, regra geral, as receitas. Na restante imprensa diária, os subsídios atribuídos a vários títulos e por norma substanciais, permite-lhe ir sobrevivendo sem grandes sobressaltos.

Situação bem diferente é a da imprensa regional. Aqui, as dificuldades são de facto enormes. E as disparidades também. A começar pelo discutível critério da atribuição do subsídio de papel, onde predomina a condenável discriminação entre "filhos" e "enteados". Esta triste realidade obriga os pequenos jornais regionais a um esforço quase gigantesco para irem singrando.

Muitas horas de trabalho não remunerado, muitas preocupações pelo futuro sempre incerto e vacilante, muita imaginação para ir transpondo os inúmeros obstáculos inopinados que lhe vão surgindo pelo caminho.

É o caso de "A Voz de Melgaço", o único jornal do nosso Concelho, cujo objectivo é servir as dezoito freguesias que o integram e que apesar do seu pequeno formato — graças à tenacidade, à clarividência e ao espírito de sacrifício do seu Director, Senhor Padre Júlio Vaz —, fazem dêle um exemplo vivo de persistência e de confiança no futuro, extremamente dignificante, de que se podem orgulhar todos os Melgacenses.

Parabéns, pois, para "A Voz de Melgaço" e para todos os que possibilitam a sua existência.



Zé do Rio Minho

Quarenta anos é uma idade bonita para um jornal regional.

Que esta data se prolongue por muitos e felizes anos. Que a indiferença e incompreensão de alguns seja superada pela união de muitos. Porque todos não somos demais.

A hospitalidade, a tradição e a beleza incomparável da nossa terra merecem que "A Voz de Melgaço" seja cada vez maior.

Querer é poder. Nós podemos.

BASTA QUERER.

Lisboa, 9 de Maio de 1986

ZÉ DO RIO MINHO

## "A VOZ DE MELGAÇO, VAI FESTEJAR O SEU ANIVERSARIO"



António Luís Reinales

Já não é segredo que "A Voz de Melgaço" vai festejar no dia um do próximo mês de Junho, o seu 40º aniversário do seu nascimento. — Nasceu e cresceu para o engrandecimento da nossa terra, apesar da incompreensão de muitos e por vezes até lutando com dificuldades para assegurar a sua sobrevivência. Mas como diz o Sr. Director e membro fundador deste quinzenário: "O jornal é expressão de vida, de progresso e de cultura de um povo e de uma região".

Na verdade, só pela leitura de um jornal damos conta do que se passa à nossa volta ou por este mundo fora. Além do mais, é um amigo que nos dá boas ou más notícias, como aconteceu ontem dia 4, que através da leitura do "Diário de Notícias" de Lisboa, de que sou assíduo leitor, tomei conhecimento do roubo e maus tratos de que foi vítima o Sr. António Antonino, que se fazia acompanhar do seu filho Norberto de Jesus Antonino, comerciantes de ourivaria da Praça de Melgaço, quando regressava à sua casa vindo da feira quinzenal da vila de Paredes de Coura, o qual o Sr. Antonino, teve de receber tratamento no Hospital daquela vila, para depois baixar ao hospital distrital de Viana do Castelo. Ademais, a leitura de um jornal desenvolve a nossa cultura. Por isso, eu como modesto colaborador desde a primeira hora e apesar da distância que me separa presentemente de Melgaço, agrava da pelo desgosto que acompanha a minha vida, olhando à amizade e consideração que sinto pela "A Voz de Melgaço" e pelos seus dirigentes, prometo, se Deus me der Saúde, estar presente no referido dia um em Melgaço, para me associar a tão jubilosa efeméride.

Queijas, 5 de Maio de 1986

António Luís da A. Reinales



## RECORDANDO...MEDITANDO FAZER ANOS

Quarenta vezes 365, são 14.600, tantos os dias passados desde que este jornal "A VOZ DE MELGAÇO" saiu do prelo pela primeira vez, para que muita gente tivesse o privilégio de estar em contacto com as notícias, com os problemas da sua terra.

No entanto, quem o lê com interesse, mas despreocupadamente pensará por ventura, quantas preocupações, dôres de cabeça, problemas de toda a ordem, para que todos os dias 1 e 15 de cada mês o jornal saía pontualmente, com a mesma linha de rumo, a mesma dignidade imposta desde o primeiro número?

Quarenta, são já bastantes anos para um jornal como "A VOZ DE MELGAÇO" que serve uma terra pequena como aquela que lhe dá o nome.

Mas os pequenos, os modestos também são gente e, felizmente, o jornal vai por essa Europa fora dar notícias, consolação espiritual a muita gente que honradamente, dignamente e com muitos sacrifícios, trabalha denodadamente para se valorizar, dar um bom futuro aos seus Filhos, valorizando também a sua terra. Vai também por Portugal fora dar a mesma alegria aos que também estão sempre saudosos da sua terra, embora mais perto.

Quarenta anos sem desfalecimento é mais que motivo para festejar e felicitar quem tão criteriosamente o dirige e os que sujam as mãos a compô-lo.

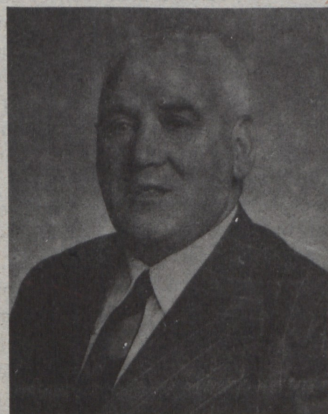
Parabéns pois para "A VOZ DE MELGAÇO" com votos de que essa VOZ nunca se cale.

M.S.

## 40 ANOS DE VIDA

O VOZ DE MELGAÇO,	tantas...
O pulsar do teu coração	Em 40 anos de VIDA.
E feito com tal compas-	E quando a VOZ alevan-
so	tas
E com tanta precisão	E sempre missão cum-
Que pelas contas que	prida!
faço	Arcos de Valdevez, Maio
Não dá sinal de cansaço	1986
O teu forte coração!	
Tantas VERDADES, mas	

A. R. Barbosa



Aurélio Barbosa

## DO MEU CANTINHO...

### PADRE JÚLIO VAZ — — O HOMEM E A SUA OBRA LITERÁRIA

Só hoje, temos ensanchas, de nos referir a um jornalista, vigoroso e actual, a um escritor de mérito, orador de audiência selecta, analista político muito bem documentado, homem público que, todos os leitores conhecem, em toda a Província do Minho, e que se chama no campo literário, simplesmente, Júlio Vaz.

por BARROS SOEIRO

Confessamos que, de início, não tínhamos boa impressão deste distinto vulto das letras pátrias contemporâneas.

E ele pagava-nos, com a mesma moeda... Quer dizer, sem termos contacto um com o outro, não ocultávamos uma certa antipatia...

Qual a causa? Nenhuma!... Mas lá veio, um dia, em que tudo se desvaneceu... Foi o caso de nos encontrarmos com o grande Historiador e arqueólogo, Alberto Feio, com quem por amabilidade do grande Bibliotecário, nos abancávamos, em bela cavaqueira, a uma



Júlio Vaz

bela mesa da saudosa Brasileira Nova, e apareceu o jornalista, Padre Júlio Vaz, a quem Alberto Feio, logo nos apresentou. Dissipou-se a infundada impressão negativa que, reciprocamente retribuíamos, e a simpatia que foi subindo, subindo, havia de se transformar em admiração, respeito e na mais alta consideração, redundando ainda naquela amizade franca, leal, singela, só própria das almas que se entendem e estimam...

Construímos um elo de amizade que marca um padrão de exemplo, para quem quer que seja.

Mas, então, quem é o Júlio Vaz? Essa pergunta vá, com expediente retórico, se pode pôr aos caros leitores da Brasileira Velha, ou deste minho florido



que o viu nascer, nas alturas cimeiras de Melgaço, terra fronteiriça de muita emigração e, onde muitos... há, no Castro Laboreiro, temos a registar outro grande Amigo, o Padre Aníbal, homem polifacetado, apóstolo da juventude, procurador de um povo que vê nele, o seu Pai adoptivo, o seu Messias! Pois bem, o Padre Júlio, desde muito cedo, começou a revelar o seu pendor, para as belas-letras. Iniciou, como o irmão, Cónego A. Vaz a vida literária, pelo jornalismo, como, de resto, (e já o afirmamos noutras emergências) quase todos os escritores do século passado.

Senhor duma pena brilhante, estilo rectilíneo, como rectilíneo é o seu carácter lídimo, de homem, à Velha usança portuguesa, quer dizer — "homem, d'antes quebrar que torcer — inteligência viva, voluntarioso, disciplinado, amigo próprio, autosuficiente, pela vasta cultura e pelo seu talento criador, o Padre Júlio muito novo, se tornou notado, pela sua nobre coragem, nas actitudes e na dedicação abnegada aos seus amigos...

Sofrimentos e desgostos teve de arrostar, com altivez e pundonor, para defender amigos que em dada altura, precisavam da sua ajuda, do seu apoio. ...E destes homens que a actual sociedade vai carecendo e fazem, e farão sempre, tanta falta!...

Redactor político do "Diário do Minho" muito cedo nos habituamos a pautar e corrigir as meras opiniões políticas pelas suas análises, sensatas, equilibradas, quase proféticas...

Ainda hoje, a 1ª página que lemos é a última do belo semanário, regionalista, o "O Cávado". Mas então não fica por aqui, este vulto que Braga adoptou por filho querido, embora, como nós não esqueça (no nosso caso, os Arcos de Valdevez donde somos natural, no caso dele — Melgaço sua terra natal!).

Como escritor, já não é dígito o número das suas obras.

Desde o "Caminho do Apostolado" que nos veio, à mão, quando trabalhámos na Acção Católica, e nos serviu à maravilha, nesses tempos áureos dos anos 40, até "Bernardo Chousal", um Paredecorense ilustre, que havia de encontrar, em Padre Júlio Vaz, um biógrafo equilibrado, erudito e sagaz, vários são os títulos que podemos evocar, tais como: "A Luz das Encíclicas", "Ordem e bem estar" (em colaboração com Armando Correia, nosso velho amigo dos tempos liceais), obra que ninguém pode dispensar se quiser estudar, minuciosamente, o fio doutrinário da "Questão Social", através da "Rerum Novarum", "Quadragesimo Anno", "Mater et Magistra" e "Populorum Progressio".

"Actualização" belo livro de pedagogia activa, personalista e cristã, em que o pedagogo e sociólogo que é, o Padre Júlio, ataca corajosamente, o problema da reforma de que estavam necessitados, os seminários menores e que tanta celeuma deu nos arraiais acanhados da Província eclesiástica de Braga! À margem da "Humanae Vitae", comentário prudente e feliz, a essa notável encíclica de Paulo VI, e que tanta tinta fez verter, do lado da América, da Alemanha, da Holanda, etc., documento humanamente polémico, que levou cardeais e teólogos à contestação...

"Última Lição", a lição dum perfume amargurado, com certos acontecimentos de disciplina interna dos seminários, mas como Sócrates, (melhor diremos) como Jesus, foi uma espécie de 2ª ceia pascal, em que o Mestre da categoria do Padre Júlio se despede dos seus queridos discípulos, que ele levará no coração,

condólo.

"Associação Mutualista do Clero", obra notável de direito eclesiástico em que o Padre Júlio Vaz põe o dedo na ferida, e caracteriza, não para agravar o órgão, senão para o curar da gangrena que, nele, lavra; "O que o Rio Minho não separou" é uma réplica ao livro de João Verde, Glória de Monção, poema mavioso e tal, que, nas falas do poético rio dos Cantábricos, pôde dizer:

A Galiza mai-lo Minho  
São como dois namorados  
Que Deus traz sempre ligados  
Quase, desde o nascimento  
Deixai-os, pois, namorar  
Já que Deus, para casar  
Lhes não deu consentimento.

Nele explana o analista político do "Cávado" os seus pontos de vista, sobre a ponte de ligação, entre estas províncias irmãs na língua, na paisagem, nos costumes, na intelectualidade!

Quase nos dava vontade de recriminar o bom do fundador da pátria, por não ter conseguido integrar, no solo pátrio a que chamamos Portugal, rincão tão precioso como a Galiza!

Nós que conhecemos, razpavelmente esta província espanhola e até, alguns dos seus intelectuais como Otero, Pedrayo, Rubens Garcia, etc., sentimos que ela é bem, um prolongamento da nossa Pátria querida!...

Enfim, aceitemos os dados, marcados pela Providência, e procuremos estreitar, cada vez mais, as relações amigas que, de há muitos anos, nos prendem à Galiza de Rosália e de Alvaro Gois, etc.

A obra do Padre Júlio revela já a maturidade de quem há mais de quatro décadas, vive da pena e a ela consagra o melhor do seu talento e, quiçá, da sua vocação interior...

Mas o Padre Júlio não é só escritor, como orador, não foge, para a retórica barata, que impressiona, mas não convence, antes objectivo, sempre ataca o tema, com um objectivo supremo: — comunicar, impressionar. Por isso é ele chamado a tomar parte, nas tribunas de maior responsabilidade. E também, o professor, bem preparado, que desde o Seminário, onde era apreciado e amado pelos seus alunos, pela competência, equanimidade e dedicação afectiva é-o agora, nos colégios onde reclamam os seus serviços não tendo mãos a medir...

E este vulto da cultura bracarense, de que, caros leitores, resolvemos falar hoje. Faleceram-nos as palavras, para bem o situar no enquadramento que ele, justamente merecia, mas e ele sabe-o muito bem, porque conhece a amizade que lhe votamos, não ficamos remordidos de remorsos, porque ele sabe que, se mais não dissemos é porque não soubemos; e quem dá o que tem, não é mais obrigado...

Meu caro Padre Júlio, aceite o preito de homenagem, ao seu belo espírito e ao seu lídimo carácter de homem "Sans peur et sans reproche", do que se confessa e confessará amigo dedicado e admirador.

Ao director doutrinário da bela revista "Presença e Diálogo" que é o Padre Júlio Vaz, desejamos, também longa vida e, senão aquela juventude espiritual que nos habituamos a admirar, há mais de 4 décadas...

De "Correio de Fafe" de 28/1/1983.



## ASSOCIAÇÃO RECREIO MELGACENSE

Em fins de Outubro escrevi ao Director de "A Voz de Melgaço" a respeito de uma afirmação saída no jornal de 15 de Outubro, que em Melgaço "nunca houve uma sociedade de recreio".

Ao assunto veio o ilustre correspondente de Chaviães Sr. A. L. Reinales.

O nosso conceitado Director, o correspondente de Chaviães e mais este humilde castrejo todos três fomos companheiros na escola primária de Adedela, Fiães, sendo professor oficial o Padre João Vaz, tio paterno do nosso Director. Se me não engano em contas, que foi ramo do saber humano de minha paixão a par com história, eu completei 74 anos nas vésperas do Natal, o Reinales tem os seus 75 e o Padre Júlio julgo contar já os 69.

Este arrazoado é só para lembrar a Adedela e mais as saborosas e encorpadas castanhas do Rio, herança ainda da cultura dos frades de Fiães.

Na minha carta eu não quis de modo algum beliscar o Sr. Carlos Alberto que o Reinales parece ter querido justificar na correspondência inserta em "A Voz de Melgaço" de 1 de Dezembro.

Eu sempre fui de calma e paz. Embora não nos conheçamos pessoalmente, já houve troca de correspondência entre mim e o Sr. Carlos Alberto e estou em dívida em relação a informações pedidas.

A minha vida (saúde, ocupações e preocupações de monta) não tem permitido corresponder.

Para que não fique má impressão entre os leitores de "A Voz de Melgaço", vou falar da **Associação Recreio Melgacense** e faço-o como oferta ao Sr. Carlos Alberto, ao Sr. Reinales e ao Sr. Padre Júlio Vaz.

Foi em 1977 que se me ofereceu oportunidade para consultar o Arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo, quando colhia elementos para o meu estudo "O Recontro de Val-de-Vez — Onde foi" e dessa consulta colhi a informação referida na nota 11ª da página 72.

Tive ocasião de ver diversos documentos de Melgaço e entre eles os "Estatutos da Sociedade Recreio Melgacense".

Os estatutos abrangem 13 títulos, com 42 artigos:

O Título I nos diz que "A Sociedade denomina-se Recreio Melgacense".

No § 1º que "seus fins são: Instrução e recreio por meio de leitura, jogos de vara e bilhar, e por qualquer outro meio conducente a este fim".

Vê-se que os melgacenses de há 100 anos pretendiam cultura. Bom era que não se perdesse nas encostas da serra o eco deste anseio.

O § 2º aponta "desenvolver a sociabilidade entre as famílias por meio de bailes, reuniões e outros divertimentos ao prudente arbitrio da Direcção".

O § 3º indica "promover a mútua convivência entre os sócios proporcionando-lhes uma recreação decente, útil e instrutiva".

Os leitores ajuízem do projecto da Associação Recreio Melgacense.

O Título II trata dos sócios, seus direitos e obrigações. O artigo 2º classifica os sócios de efectivos

e mensais, sem limite.

O artigo 3º para ser sócio exige boa reputação moral e civil, e subsistência proveniente de emprego decoroso, ocupação decente ou bens patrimoniais.

Vê-se que não podia ser sócio qualquer zé-nin-guém.

O artigo 4º determina joia de admissão estipulada em 2.000 reis, satisfeitos no prazo de oito dias e cota de 200 reis ao princípio de cada mês.

O artigo 5º admite sócios os filhos-famílias com menos de vinte anos se apresentarem consentimento paterno.

O artigo 6º diz que "as famílias que não tiverem chefe que as represente e que estejam no caso do artigo 3º terão entrada nos divertimentos da Sociedade precedendo aprovação da Direcção".

O artigo 7º diz que "sócios mensais só podem ser aqueles que não tiverem residência fixa neste concelho e são obrigados a pagar a mensalidade de 500 reis no princípio de cada mês, e gozam dos direitos e obrigações dos efectivos, mas não podem votar nem ser votados, nem falar nas reuniões da Assembleia Geral".

Os leitores vão observando que os antepassados já eram pessoas de gosto e iniciativa social.

Não eram obscurantistas

**P.S.** Este artigo foi escrito no princípio do ano. Motivos particulares têm impedido minha colaboração assídua na imprensa.

B. Pinto



AGÊNCIA  
IMOBILIÁRIA

— de — HEITOR D. CAMPOS AMOEDO

Rua do Cano — Bairro dos Padrões — Telef. 52872  
• 4950 MONÇÃO

VENDE APARTAMENTOS EM MONÇÃO, ÂNCORA E  
VIANA DO CASTELO

3 GRANDES CASAS COM 4.000 a 6.000 m<sup>2</sup> e 15.000 m<sup>2</sup> de  
TERRENO EM TROVISCOSO

1 TERRENO PARA CONSTRUÇÃO C/2.600 m<sup>2</sup>, JUNTO AO  
PALÁCIO DA BREJOEIRA

1 TERRENO PARA CONSTRUÇÃO DE 5.000 m<sup>2</sup> — REIRIZ  
TROVISCOSO

2 TERRENOS PARA PLANTAÇÃO DE ALVARINHO, DE  
12.000 e 70.000 m<sup>2</sup>

2 TERRENOS C/4.000 m<sup>2</sup> E OUTRO DE 3.000 m<sup>2</sup> SITO NA  
PARTE ALTA DO CENTRO DE VILA NOVA DE CERVEIRA

LOTEAMENTOS PARA MORADIAS, NA SAÍDA DE  
MONÇÃO À ESTRADA DE VALENÇA

TRESPASSA ESTABELECIMENTOS DE VÁRIOS RAMOS  
COMERCIAIS



## HOTEL RANHADA UMA INSTITUIÇÃO MELGACENSE

Em Março de 1985 a família Ranhada, proprietária do Hotel Ranhada, e criadora do mesmo, arrendou esta unidade hoteleira a Luis Filipe Marozinni da Rocha e Sá.

Não podíamos calar o nosso louvor à família que contribuiu largamente para o conhecimento das Termas, para o conhecimento e divulgação da nossa terra, e que foi hospedeira de artistas, escritores, políticos e personalidades destacadas da vida religiosa em Portugal.

Considero esta casa — o Hotel Ranhada — uma instituição melgacense, nascida, ampliada e conservada pela mesma família, instituição que, em poucos anos mais, será centenária.

O Hotel Ranhada surgiu com a nascente das águas Termas do Peso.

Impõe-se até, recordar a história das Termas para justificar o aparecimento do Hotel.

Em 14 de Agosto de 1884 foi efectuado o primeiro registo das Águas na Câmara de Melgaço pelos proprietários da Companhia de Viação Valenciana: Félix Tomaz Barros e Araújo e Bento Maria Barbosa, residentes na vila de Valença, António Augusto de Souza e Castro e Vitorino Augusto dos Santos Lima, do conselho de Melgaço.

Em 1887 os dois sócios de Valença venderam os seus quinhões ao comerciante portuense Alfredo da Costa Braga. Em meados deste ano — 1887 — António Maria Guerreiro Ranhada, natural de Vilar de Mouros, minhota, regressa do Brasil.

Havendo já frequentado as águas termas do Gerês e de Mondariz, sem êxito, descreu das águas como medicina curativa.

Esmagado pelo sofrimento, este espicaçou-lhe a memória: recordou-se de um lavrador de Melgaço que lhe reclamara como eficientes, umas águas que brotavam perto das suas propriedades.

Era o Sr. Ventura.

António Ranhada hospedou-se em casa do Ventura, por não haver, no local, qualquer hospedaria.

O hóspede, escorraçado pela filha do hospedeiro, que receava a morte do mesmo em sua casa, ficou curado.

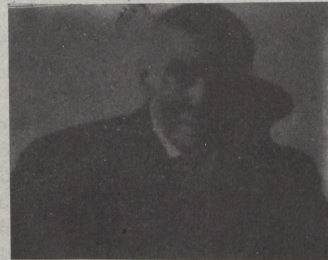
Face ao "milagre", tomou uma decisão: impulsionar as águas. E, para o conseguir, escolheu um duplo caminho: a participação na exploração das águas e a construção de uma hospedaria.

Suigiu então, a primeira hospedaria do Peso, a qual, pelo êxito alcançado, foi aumentada.

A participação na exploração das águas dar-se-ia em 1897. E que tendo-se organizado em 1 de Maio de 1894 uma sociedade constituída por sete sócios, metade do capital dividiu-se em décimos e um décimo passou "em Setembro de 1897 das mãos de Aurélio Saavedra e Silva e sua mulher às de António Maria Guerreiro Ranhada, proprietário do Hotel do Peso" (1).

Preso às águas, por gratidão, e ao Peso, por interesses comerciais, António Maria Guerreiro Ranhada deixou-se hipnotizar por aquela rapariga, que o escor-

raçava da casa do Sr. Ventura. E veio a casar com ela — era a filha mais velha do Ventura — e com ela levantou o Hotel do Peso.



Assinalado o Avô Ranhada

O Hotel do Peso foi inaugurado em 1 de Junho de 1891 e dirigia-o a sociedade Ranhada e Fife. O mesmo hotel reabriu em 20 de Maio de 1897 com a designação de "Grande Hotel Ranhada" que já estava pronto no ano de 1896.

A sociedade desfez-se em 27 de Dezembro de 1902, ficando, desde então exclusivamente em mãos do fundador: António Maria Guerreiro Ranhada.

Em 5 de Setembro de 1898 foi instalada no hotel a estação telégrafo-postal e em 25 de Julho de 1915, D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz, foi, propositadamente, entronizar o Santíssimo Sacramento na capela do hotel, presença eucarística que ainda hoje se conserva.

António Maria Guerreiro Ranhada faleceu em 18 de Julho de 1936.

A obra deste Homem regista-se por esta forma: "Deixemos por um pouco as perspectivas sociais para saudar um homem, que embora novo entre os sócios da empresa, havia uns dez anos se tornara figura principal da estância, por ser quem nela introduziu um meio essencial de progresso — o hotel. Sem hotel nunca poderia haver estância e sem um hoteleiro como o Ranhada — é o mesmo que acima nomeamos como comprador de uma décima parte das águas — pode afirmar-se que nunca a estância do Peso seria o que tem sido. Não construiu um "Palace"; quase de uma assentada, pôde realizar o que ainda hoje existe — um edifício que oferece conforto a uns 130 hóspedes, constituído por um corpo principal (51 quartos) e um pavilhão (21 quartos), separados pela estrada, outrora poeirenta. O hoteleiro é que era tudo, devendo para isso começar por ser "um santo" no consenso — até onde nos foi possível verificar, unânime — dos hóspedes que o conheceram". (2)

Com que emoção se contempla aquele imóvel a avaliar por estas palavras do mesmo autor: "O hotel com a sua ampla sala de jantar, a penumbra do salão e o piano dolente a responder saudades, nas paredes os desenhos de Teixeira Lopes, hóspede ilustre, quantas recordações o tempo ali deixou".

Este edifício e o ambiente descrito foram conti-

\*\*\*\*\*

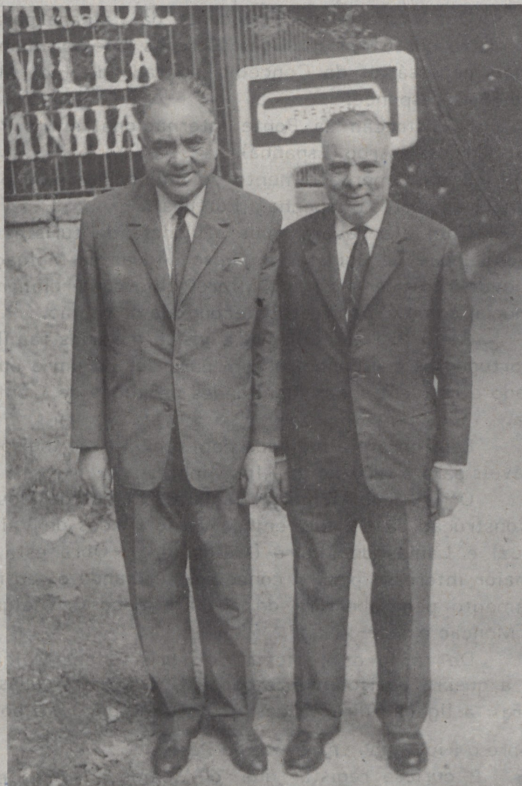
(1) Melgaço. Estância Termal. Edmundo Correia Lopes, 1949.

\*\*\*\*\*

(2) "Melgaço. Estância Termal", Edmundo Correia Lopes.



nuados pelos herdeiros de António Maria Guerreiro Ranhada. Sobretudo, os dois irmãos, que o dirigiram durante décadas: Mário e Amadeu. Em ambos, a gentileza, o trato fino, a simplicidade captivante, a alegria comunicativa.



Mário Bento Ranhada  
e o irmão

Amadeu Guerreiro Ranhada

Em Mário, a diplomacia; no Amadeu, o apagamento voluntário ao público para surgir no paladar cuidado e bem confeccionado da gastronomia caseira.

Herdaram a casa, mantiveram-na. Até que a morte, no curto espaço de alguns meses, deixou apenas uma vara dessa árvore maravilhosa ali plantada no ano distante de 1894. Essa vara frondosa é o Mário Ranhada.

No ano Termal de 1985, os concessionários já foram os responsáveis da actividade hoteleira.

De um hóspede tradicional surgiu o registo mais expressivo que os proprietários podiam receber. Continha-o a carta que transcrevemos:

Porto, 22 de Maio de 1985

Ex.<sup>mos</sup> Senhores:

Recebi e muito agradeço a circular de V. Ex.<sup>ias</sup>.

Na realidade, estou ao corrente das tristes razões que puzeram termo à era dos irmãos Ranhada, que penso ter sido o mais longo reinado da hospedaria em Portugal. Reinado e "Arte de Bem Receber" com familiaridade".

Araújo Correia  
(Advogado)

No início deste trabalho escrevemos que o Hotel Ranhada foi hospedaria de artistas, escritores, políticos e personalidades destacadas da vida religiosa em Portugal.

Vamo-lo confirmar com alguns nomes.

Um dos frequentadores foi o notável escritor e jornalista, Joaquim Manso, que neste belo parágrafo descreveu a beleza natural e psíquica das Termas: "Nas Termas de Melgaço, recolhidas em tímido vale, sombreado delicadamente por pinheiros, carvalhos, tílias e acácias — uma corrente palreira a derivar qual cabritinho saltitando sob frondes rasteiras e macias — as ideias tristes não deixam rasto". (3)

Joaquim Manso, Director do "Diário de Lisboa" e esmerado cultor das letras, vinha na companhia de dois grandes vultos nacionais: Júlio Dantas, escritor, dramaturgo, diplomata, e Mário de Figueiredo, professor de Direito da Universidade de Coimbra, ministro, amigo e companheiro de Salazar, e líder da Assembleia Nacional.

Estes dois — Júlio Dantas e Mário de Figueiredo — casavam a inteligência com os "amores", ainda que de concretização matrimonial tardia. Os três — Joaquim Manso, Júlio Dantas e Mário de Figueiredo — frequentavam o Hotel Ranhada.

Não muito longe do hotel havia uma tasca, que bela rapariga enchia de frescura e encanto.

Os "velhos", mormento Júlio Dantas e Mário de Figueiredo, gostavam da presença e do encanto da rapariga, de aparência tímida mas, como se dizia localmente, "despachada".

Os piropos choviam sobre a simpática empregada; cujo rosto ruborizado acusava os efeitos das frechadas dos intelectuais urbanos. Até que os mesmos "amorosos" ouviram esta eloquente resposta da rapariga: "Olhem, meus Senhores, eu não sou gado da vossa sogã".

Rocha Martins e o seu incomparável companheiro Artur Leitão, Teixeira Lopes, pintor António Carneiro, José Leite de Vasconcelos, que tanto engrandeceram a arte, a história, a língua e a cultura; Mestres universitários: Machado Vilela, Silvério Gomes da Costa, Mark Athias, Cerqueira Gomes, Frederico Madeira e Francisco Parreira; Políticos: general Norton de Matos, coronel Helder Ribeiro, eng. Arantes de Oliveira, este, ministro de Salazar; Aristocratas: Condes de Fijó, conde de Calheiros, condes de Sabrosa, marquês de Belas, marquês Fontes Pereira de Melo, Barão da Silva Nunes; Bispos: D. Agostinho de Jesus e Sousa, Bispo de Lamego e do Porto, personalidade extraordinária de saber, de cultura geral e de Governo, D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo de Mitilene e Arcebispo de Coimbra, e D. Manuel de Jesus Pereira, Bispo de Bragança;

o benemérito José Bento Pereira, cuja benemérita se perpetua no granito da entrada do Hospital de S. António, no Porto;

o comerciante Villares, fundador da Casa Villares;

Estes alguns dos que entre milhares de aqistas do Peso frequentaram o Hotel Ranhada e fazem parte da sua história.

\*\*\*\*\*

(3) "Cartas a João Venâncio", Joaquim Manso, 1940



Pelo que concorreu para a divulgação e dinamização da Empresa Termal, pela atmosfera familiar em que recebia os hóspedes, pelo muito que fez na divulgação da nossa terra e das suas gentes, o Hotel Ranhada bem merece ser tido como uma instituição melgacense. (4)

(4) António Maria Guerreiro Ranhada, nascido em Vilar de Mouros, Caminha, no ano de 1855, casou em 16 de Novembro de 1899 com Maria d'Abreu, nascida em Paderne, Melgaço, no ano de 1864.

Este matrimónio houve os seguintes filhos: Rosa Maria, António José, José, Amadeu e Maíio Bento.

Dos cinco vive o último.

## A PONTE SOBRE O RIO MINHO ENTRE ARBO E PESO

### HISTÓRIA DE UMA PONTE QUE AINDA NÃO EXISTE

Na Festa da Lampreia, na vizinha vila galega de Arbo, o digno Alcaide bateu-se, mais uma vez, pela construção da ponte sobre o Rio Minho, ligando Arbo ao Peso.

O calor e o bairrismo e a compreensão da sua missão numa zona fronteira internacional estiveram à vista dos presentes.

O ilustre Alcaide apenas deseja autorização de Portugal para fazer a construção da ponte.

O entusiasmo oficial que se pôe do lado espanhol nesta realização leva-nos a fazer a **história** de uma ponte que ainda não existe.

E a mesma — a história — começa **oficialmente**, do lado português no ano 1960, quando presidia à Câmara Municipal de Melgaço, o prof. Manuel José Rodrigues.

Havia, no entanto, um Homem, que tratava, particularmente, do caso. Era o Doutor Amândio Tavares, professor de Medicina da Universidade do Porto, e que visitava Arbo com muita frequência, devido a razões conjugais.

Em 21 de Outubro de 1960, o prof. Manuel José Rodrigues em ofício que dirigiu ao ilustre Professor catedrático escreveu: "De V. Exa., Sr. Reitor, que continua sendo neste assunto o seu **iniciador e patrocinador** (sublinhado meu) de primeiro plano, esperamos que nos vá orientando também, dizendo-nos como proceder".

Em carta de 17 de Outubro de 1960, o Doutor Amândio Tavares, ao tempo Reitor da Universidade escreveu: "Desejo reafirmar o propósito de juntar o meu aos esforços tendentes a promover a realização da obra da ponte no Pêso, de tanto interesse para essa região".

A Câmara de Melgaço de então desenvolveu uma triplíce acção:

— junto dos poderes centrais ou directamente para o Ministério das Obras Públicas ou indirectamente pelo Ministro do Interior ou pelo Governo Civil de Viana do Castelo;

— junto do Alcaide de Arbo, a quem pedia que associasse o Alcaide de Creciente; e

— junto do Doutor Amândio Tavares

No plano dos Meios de Comunicação Social, o correspondente do "Diário do Norte" na cidade de Viana, Mauricio Teixeira, deu grande cobertura ao assunto, mormente em 1963 e 1964.

Quais as razões para a construção da ponte a ligar Arbo ao Peso sobre o rio Minho?

Um Memorial do Presidente da Câmara para o Ministro das Obras Públicas sobre os "melhoramentos mais necessários do Concelho", datado de 1 de Maio de 1963, responde:

"Construção da Ponte Internacional entre Peso (S. Marcos) e Arbo (Espanha).

E um empreendimento do maior interesse para ambas as partes (Espanha e Portugal).

Com ele haverá mais afluência de turistas no Concelho e de aqistas no Peso (Águas de Melgaço), movimento que, a par do intercâmbio comercial, melhoria, como é manifesto, à economia da região.

Além disto, facilitava a visita a várias famílias portuguesas e espanholas com parentes de um e outro lado e residentes nas localidades próximas da fronteira.

Esta obra e a indicada com o nº 13 são indispensáveis para o turismo do Alto Minho".

O nº 13 do Memorial regista: "Lamas de Mouro: Construção da EN 202 entre Mesio (Arcos de Valdevez) e Lamas de Mouro (Melgaço) — Obra esta de maior interesse para o concelho, cerciando o seu isolamento pela abertura do circuito Arcos — Melgaço — Monção e Vice-Versa".

De facto o problema do Turismo em Melgaço e a quebra do isolamento geográfico exige as duas obras: a ligação directa dos Arcos a Melgaço e a ponte sobre o Rio Minho entre Arbo e Peso.

E curioso registar que o Alcaide de Arbo em 31 de Junho de 1967, em ofício dirigido ao Comandante de la Comandancia Militar de Marina, pede autorização para a construção de "uma amplia barcarza" pois "Las circunstancias actuales en que actualmente se desenvolve este servicio, las exigencias de la atencion a um mayor número de obligaciones que los viajeros reclaman asi como el possible aumento de mercancia que por dicho servicio se puede realizar, en ambos sentidos, incrementando com ello las relaciones de ambos países y con el desarrollo del Turismo, exigen una modernizacion de dicho servicio y una mayor eficiencia en el mismo por el considerable desarrollo y aumento del número viajeros que se puede realizar no sólo durante el periodo estival sino durante todo el año con las ventajas que ello reportará à las citadas relaciones espano-lusas".

Como se depreende dos textos, durante os anos 60 quer da parte de Melgaço, através da sua Câmara, quer da parte da Galiza, através do Alcaide de Arbo o problema da ponte sobre o Rio Minho entre Arbo e Peso esteve nas preocupações das autoridades locais.

Mas não avançou, infelizmente.

As ligações fronteiriças entre a Galiza e Portugal têm estado no entanto, em causa:

— da parte portuguesa, os Municípios de Cerveira, Caminha e Valença lutaram por serem o local de ligação da Via Rápida entre a Galiza e o Minho;

— monçanenses advogam a ligação directa a Salvatierra; e



— com a construção da barragem do Sela espera-se a ligação habitual entre as duas margens como acontece em todas.

Todos os Municípios querem a ligação directa à Galiza.

Compreende-se até porque a Galiza tem uma grande extensão geográfica e quatro milhões de habitantes. É uma boa zona de comércio e de turismo.

Mas os galegos também visitam imenso o Minho. E querem ligações boas e rápidas.

Juntando a tudo isto a consciência que as povoações vizinhas sentem de criar e manter entre si essas vantagens e melhorá-las com convívio mais directo e permanente, compreendemos mais facilmente os anseios e o grito do Alcaide de Arbo.

Demais, estando dentro da Comunidade Económica Europeia, que pretende eliminar as fronteiras, impõe-se, sem demora, aumentar as ligações e facilitá-las.

A ponte entre Arbo e o Peso está nestas condições, facilitando o convívio e as deslocações entre as duas Províncias.

Oxalá quem de direito o entenda assim.

Aqui fica a história de uma ponte que ainda não existe!...

Salgado de Castro

## IMPRESA EM MELGAÇO

Desejávamos neste número de "A Voz de Melgaço" com que celebramos o 40º ano, publicar a história da imprensa em Melgaço.

Não nos foi possível por não encontrarmos nas bibliotecas que visitamos todos os números dos jornais que se noticiam como tendo existido entre nós.

Fomos à Biblioteca Municipal do Porto, reorganizada há pouco, com um cuidado extraordinário, e não encontramos nem sequer a indicação de alguns jornais.

Mas valeu, mesmo assim, a pena, pelo que à frente se dirá.

Vamos tentar alguma coisa e esperemos que o tempo e outras bibliotecas nos permitam, a nós ou a outrem, realizar o trabalho que tanto desejávamos para publicar no 40º aniversário de "A Voz de Melgaço".

A Enciclopédia Luso - Brasileira traz os seguintes periódicos:

- O Melgacense 6-XI-1887 a 18-X-1888
  - Espada do Norte 1-XII-1887
  - O Melgacense 7-I-1893
  - Jornal de Melgaço 1-XII-1893, 1909 e 1913-1920
  - No Jornal de Melgaço 27-I-1898
  - Correio de Melgaço 1912-17
  - O Melgacense 1926-29
  - Notícias de Melgaço, que se publicou desde 1929 até hoje (à data da publicação do volume da Enciclopédia que trata de Melgaço)
  - A Voz de Melgaço
  - A Neve 11-XI-1920 a 23-I-1921
- Em "Portugal (Dicionário Histórico...) de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, 1907, lê-se:
- Espada do Norte, 7-I-1892, continuação do Melgacense 1-XII-1887
  - Jornal de Melgaço 1-XII-1893 (ainda se publicava em 1908)

— Melgacense (O) de 6-XI-1887 a 18-X-1888

— Jornal de Melgaço 27-I-1898

O Mário, que foi colaborador distinto e muito sério em tudo o que fazia, deixou em várias páginas de "A Voz de Melgaço" elementos sobre o tema, geralmente na secção Efemérides. Assim:

— Em 27 de Maio de 1917 saíu o último número do Correio de Melgaço" (Voz 1-VI-50):

— Existia o "Jornal de Melgaço" que saíu em 1-XII-1893 (Voz 15-IX-50 e 1-XII-50)

— Em 16 de Julho de 1896 saíu "O Melgacense" que acabou em 4 de Outubro de 1900 (Voz 15-VII-50 e 1-X-53)

— "O Melgacense" saíu em 21-II-1926 e acabou em 23-XII-1928 (Voz 15-II-51)

— O "Jornal de Melgaço" é suspenso em 27-I--1897 e surge "No Jornal de Melgaço"

— Em 16 de Julho de 1896 saíu "O Melgacense" que acabou em 4 de Outubro de 1900. Aparece com o mesmo título em 21-II-1926 e acabou em 23-XII--1928.

As informações que registamos não nos permitem — ou por omissão de alguns periódicos, ou por desconhecimento de datas, e por impossibilidade de verificar quem os fundou e dirigiu — documentar o número de jornais existentes e o seu aparecimento e termo. Julgamos, no entanto, que nos será permitido estabelecer a seguinte ordem cronológica:

- Melgacense, 1887
- Espada do Norte, (1887 ou 1892?)
- Jornal de Melgaço, 1893
- Correio de Melgaço, 1912
- O Melgacense, 1926
- Notícias de Melgaço, 1926
- A Voz de Melgaço, 1946
- A Neve, 1920

Na Biblioteca Municipal do Porto não encontramos todos os jornais que acima se enumeraram, porque não constavam do arquivo.

Damos conta daqueles que encontramos:

### Jornal de Melgaço

Jornal de Melgaço, Melgaço, 9 de Maio de 1907. Anno 14. Director, Proprietário, Editor e Administrador: Duarte Augusto de Magalhães.

Redacção, Administração, Composição e Imprensa: Casa da Calçada, Melgaço. Este jornal aparece em 10 de Março de 1917 até Dezembro de 1920, como Semanário Republicano Independente do qual são proprietários: Duarte Augusto Magalhães, Augusto César Esteves e António Dâmaso Lopes.

### Correio de Melgaço

Correio de Melgaço era Semanário Independente. Proprietário: Hermenegildo José Solheiro. Apareceu em 9 de Junho de 1912 e acaba em 27 de Maio de 1917.

Director: Hermenegildo José Solheiro. Secretário da Redacção e Editor: António Rodrigues d'Oliveira. Redacção, Administração, Tipografia e Imprensa: Prado, Melgaço.

Mais tarde aparece como Redactor o prof. primário José Caetano Gomes, e era-o, quando acabou.

O primeiro número inseria o programa, o qual se nos afigura ser uma resposta ao ambiente local, criado pelos jornais políticos da época.



Sintetizando-o, afirmava-se:

- alheio às lutas partidárias;
- "renunciar, sobretudo, à política local";
- bater-se em prol deste recanto do pinturesco Minho;
- protestar, com toda a veemência, sem desfalcimentos, sem preconceitos contra os erros dos governantes, principalmente contra os que entravam o nosso progresso";
- reclamar...as regalias e direitos que pertencem a este povo menosprezado na comunhão dos melhoramentos públicos";
- fazer ouvir a sua voz...nas esferas oficiais, clamando justiça para os grandes e pequenos que dela careçam e se queiram abrigar sob o nível manto da paz e da concórdia, sem distinção de classes e partidos;
- não descurar "as informações locais";
- tratar de todos os assuntos momentosos com imparcialidade, não descendo por mais escabrosos que sejam às "invectivas pessoais";
- evitar questiúnculas que possam descambar para o insulto soez;
- guardar a mais digna compostura de processos;
- abster-se de represálias contundentes;
- considerar, prestigiar aqueles que, condignamente, exercem, ou venham a exercer, entre nós, a sua actividade de homens livres e empreendedores;

e

- prestar ás ilustres autoridades deste Concelho pelo merecimento, saber e virtudes que as exornem, a homenagem a que fizeram jus do seu respeito e acatamento.

Este belíssimo programa foi enriquecido com a notável colaboração de Figueiredo da Guerra, que deixou em o "Correio de Melgaço" notáveis artigos sobre Melgaço histórico.

Em 9 de Novembro de 1913 assumiu a Direcção deste jornal "Correio de Melgaço" o Dr. António A. Durães, mantendo-se Hermenegildo José Solheiro como proprietário, e Editor passou a ser Adelino Pacheco de Almada.

#### A Neve

Como Semanário Independente, surgiu "A Neve" em Castro Laboreiro, sendo composto e impresso na Tipografia do "Jornal de Melgaço".

Director: Abílio Alves  
 Editor: Germano Alves  
 Redactor: Abílio Domingues  
 Administrador: José A. Alves  
 Redacção e Administração - Rua do Progresso, nº 5 Castro Laboreiro, Melgaço.

Apresentação: "Aqui não trataremos política, o nosso fim é procurar a união de todos os nossos conterrâneos e todos unidos pugnar pelos interesses comuns".

O primeiro número saiu em 11 de Novembro de 1920, e o último - que foi o número 9 - saiu em 23 de Janeiro de 1921.

#### Notícias de Melgaço

Apresentou-se como Semanário - órgão dos interesses locais.

Proprietário, Director, e Editor: Adriano Augusto da Costa.

Duração: Março de 1921 a 1951.

Composto e impresso na Tipografia do "Jornal de Melgaço".

Redacção e Administração: Calçada, Melgaço.

O número de 6 de Março de 1922 já é impresso na Tipografia Comercial.

No primeiro número, que saiu em 6 de Março de 1921 lê-se: "Essencialmente noticioso, este semanário procurará inserir nas suas colunas tôdas as ocorrências de maior vulto da vida local e procurará descrever o meio e estudar o viver das grandes cidades para onde o melgacense deve emigrar".

#### Melgacense

Como Semanário Regionalista aparece em 21 de Fevereiro de 1926 o "Melgacense".

Proprietário: Dr. José Durães

Director: Ferreira da Silva

Redactor: Hermenegildo Solheiro

Editor: Abel Dantas.

Composição e impressão: Rua da Calçada.

Redacção: Rio do Porto

Propósito: "...Temos em vista contribuir com o vigor da nossa mocidade e com o ardor do nosso entusiasmo, para o engrandecimento do nome de Melgaço, concorrendo para a sua prosperidade" (Ferreira da Silva).

"Este jornal tem como exclusiva finalidade, defender os interesses de Melgaço" (José Durães).

Em 17 de Julho de 1927, Hermenegildo Solheiro já não aparece, e em 11 de Setembro do mesmo ano Adriano da Costa é o Administrador.

Ferreira da Silva que em 1927 pedira ao dr. Augusto César Esteves que assumisse a Direcção do Jornal temporariamente, regressou em 24 de Junho de 1928 para se afastar definitivamente em 6 de Janeiro de 1929, porque havia sido colocado na empresa hidro-eléctrica do Varosa.

No mesmo dia de 6 de Janeiro o nº 135 do "Melgacense" apresentava aos leitores os novos responsáveis pela publicação do semanário:

Director: Dr. Augusto César Esteves

Chefe de Redacção: António José de Barros

Redactores: António José Soares e António Joaquim de Sousa. Foram estes os dados que colhemos na Biblioteca do Porto.

O Mário apresenta esta informação:

em 16 de Julho de 1896 saiu "O Melgacense" que acabou em 4 de Outubro de 1900 e apareceu com o mesmo título em 21-2-1926, tendo acabado em 23-XII-1928.

Há um engano nesta data como se verifica pela nomeação dos novos responsáveis em 6 de Janeiro de 1929.

Oxalá o tempo nos permita continuar a estudar a Imprensa em Melgaço para bem da história local e para melhor conhecimento do nosso meio.

Júlio Vaz

#### Opção preferencial pelos pobres

Em uma carta pastoral sobre o ensinamento católico e a economia norte-americana, os Bispos dos EUA afirmaram: "Os pobres são, quase por definição, não poderosos. E se formos considerar suas preocupações, suas necessidades e como seus interesses se relacionam com

os interesses de nossa nação (norte-americana), devemos ir mais além de um convencional ponto de partida económico ou estratégico para a política. Queremos estar com os pobres em todas as partes e solicitamos que as relações Estados Unidos-países em desenvolvimento sejam determinadas em primeiro lugar pelos interesses e pelas necessidades humanas básicas dos pobres".



## A GAFARIA E A CAPELA DE SÃO GIÃO VULGARMENTE DENOMINADA DE S. JULIÃO

(continuação)

Estava-se no ano de 1711, éra provedor da Santa Casa da Misericórdia, António de Castro Soares, da Fontainha. A capela de São Julião precisava novamente de obras e a Santa Casa parece que estava em dificuldades financeiras. Seja como for, o certo é que aos seis dias do mês de Julho desse mesmo ano, veio ao Consistório da Santa Casa, Pedro Vidal, para fazer o documento em que dava a administração da capela de S. Julião a João Gomes de Magalhães e sua mulher Constança Mendes de Araújo, para que eles e quem lhes parecesse repararem a capela e a tê-la sempre preparada de maneira que se pudesse dizer missa, obrigando-se eles e seus nomeados a reconhecerem sempre a Santa Casa por sua direita senhora.

No citado documento não diz donde eram João Gomes de Magalhães e sua mulher Constança Mendes de Araújo, por isso o documento não enquadra a capela na Quinta da Calçada. João Gomes de Magalhães morreu em 1714.

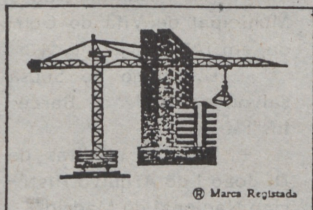
No ano de 1790, foi mandado fazer o tombo dos bens pertencentes à Santa Casa. O alvará régio passado pela Rainha D. Maria I nomeava juiz do Tombo, o juiz de fora de Melgaço, com alçada no civil e crime, o Doutor António José Pinto da Rocha e a Santa Casa

nomeou seu procurador o Doutor Luiz Soares Calheiros.

O auto de reconhecimento e medição da citada capela e ermida foi feito no dia sete de Junho do ano de 1790 e faz referência a Jerónimo José Gomes de Magalhães morador neste lugar da Calçada e que disse ser administrador da capela e entregou as chaves dela. No reconhecimento diz que é de construção muito antiga em cantaria e que dentro mal caberão doze pessoas e na tribuna, as imagens de S. Pedro ao centro e dos lados as imagens do Memino Jesus e de São Raimundo, todas em busto feito de escultura em pau; dois castiçais, um missal romano com sua estante, uma toalha de linho, uma alba de linho, um Cális com pé de metal e a copa de prata com a sua patena de prata tanto o caliz como a patena dourados e um armário em castanho com sua fechadura para guardar os trastes.

Passando às medições: sendo medida a dita capela se achou que tinha de poente a nascente a face no norte, quatro Baras menos um palmo; do norte a sul do nascente três baras e meia e do nascente a Poente e Face do Sul três baras e quatro palmos; e do sul a norte face do poente quatro baras e quatro palmos; vindo a ter de circunferência em toda Quinze baras e quatro palmos e meio, e confronta de todas as partes com os rocios da mesma capela.

Medição do Adro ou Rocios da dita Capela: do poente e nascente a face do norte se achou que tinha vinte e uma baras por onde entesta e confronta com a estrada pública que vem de Melgaço para a Senhora



## «CONSTRUÇÕES RITES»

(RITES & RITES, LDA.)

A Firma com maior prestígio e projecção em VIANA DO CASTELO

QUE TEM PARA SI — para habitação permanente, secundária, férias ou rendimento — Magníficos APARTAMENTOS em Afife no

## «Aldeamento Turístico PRAIA DE AFIFE»

FRENTE AO MAR A ESCASSOS METROS DESTA BELA PRAIA DE AREIA FINA, RICA EM IODO, CONSTITUINDO UM BELO E HARMONIOSO CONJUNTO HABITACIONAL, BEM LOCALIZADO, DE FÁCIL ACESSO, CUIDADOSAMENTE ESTUDADO PARA LHE AGRADAR...

VISITE, SEM QUALQUER COMPROMISSO, O ANDAR MODELO, no referido Aldeamento Turístico, em qualquer dia semanal, mesmo aos sábados, domingos ou feriados, pois lá estaremos para o atender e prestar todas as informações que desejar.

\*\*\*\* TEMOS AINDA PARA VENDA E ALUGUER, nos melhores locais de VIANA DO CASTELO — AREOSA — AFIFE — MEADELA — DARQUE E CASTELO DO NEIVA, magníficos APARTAMENTOS, VIVENDAS, LOJAS E ARMAZENS, de diversos tipos, dimensões e preços e LOTES DE TERRENO PARA CONSTRUÇÃO, em DARQUE — AREOSA — ANHA e CASTELO DO NEIVA, bem localizados.

Temos bons preços, e facilidades de pagamento, e condições especiais para os trabalhadores portugueses no estrangeiro. Consulte-nos... pois consultar não o obriga a comprar. Venha conhecer-nos, pois nós somos diferentes...

Venha saber porquê...

NÓS SOMOS, ao seu inteiro dispôr,

# Construções RITES

Escritórios:  
RUA SACADURA CABRAL, 62 (Junto à Sé)  
PRAÇA DA REPÚBLICA, 32  
Telefones: 22342 e 25250

4900 Viana do Castelo



da Orada e Ponte das Barzias e do norte a sul entesta e confronta com terras que possuem Boaventura Gomes por onde tem dezoito baras e meia; do sul a norte a face do poente entesta e confronta com rocios da casa foreira da Santa Casa que possuem Boaventura e seus filhos por onde tem oito baras e três palmos. Tendo assim de circunferência em toda a roda cinquenta e quatro baras e meio palmo; diz que tinha dentro um grande castanheiro antigo e de parte norte junto à estrada um nicho ou Hermida que tem em toda a volta quatro baras sendo uma bara por cada lado. Tem uma grade de madeira e dentro uma imagem de São Julião muito antiga feita de escultura em pau e toda pintada e em bom estado. E este um resumo da descrição respeitante à Capela de São Julião e que se encontra no Livro do Tombo da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

Mais referências a esta Capela encontram-se nos livros das actas do ano de 1938. Assim na acta de 3 de Abril de 1938 lê-se: precisando de ser reparada a Capela de S. Julião, pertença desta Santa Casa da Misericórdia, foi deliberado autorizar o respectivo Provedor a mandar proceder àqueles trabalhos e a satisfazer a sua importância pela verba quatro do respectivo orçamento.

Assinam a acta: Duarte Augusto de Magalhães que era o Provedor e dono da Quinta da Calçada

- Aurélio Augusto de Azevedo
- P.<sup>e</sup> Artur de Almeida
- Victorino Esteves
- Hilário Alves Gonçalves
- António Luiz Fernandes
- José Maria Pereira

todos irmãos de mesa. Na acta de 1 de Maio de 1938 lê-se o seguinte: pago a António Maria das Valas, sete centos escudos de reparações feitas na Capela de S. Julião.

Sete centos escudos nesse tempo era muito dinheiro. Assinam a acta as mesmas pessoas acima citadas.

A acta de 5 de Junho de 1938 lá diz: pago a António Maria das Valas, cinquenta e dois escudos e oitenta centavos de obras na capela de S. Julião; assinam a acta as mesmas pessoas.

Acta de 7 de Agosto de 1938

(António Maria das Valas, cinquenta e um escudos de caiar as paredes das capela de S. Julião) e as mesmas assinaturas.

Por aqui se vê que o Sr. Duarte Augusto de Magalhães já não exercia as funções de administrador da capela, caso contrário teria de fazer as obras à sua custa como consta do documento de 1711. Razão tinha o Sr. Dr. Augusto Esteves em 1958 ao escrever no Notícias de Melgaço, sobre a Capela de S. Julião no fim: capela de S. Julião de que os Magalhães da Calçada foram administradores. Ele como Provedor da Misericórdia conhecia todos estes documentos ou talvez mais.

Melgaço, 5 de Maio, de 1986

M. S. C.

«Membro da AIND»

## LIVROS NOVOS DE ESCRITORES MELGACENSES E DO DISTRITO DE VIANA

O espaço de que dispomos nem sempre nos permite referir a recepção de livros em devido tempo, e, muitas vezes, até, nem podemos dar logo guarida às sugestões que nos fazem sobre diferentes problemas.

Acontece que, neste momento, temos sobre a mesa livros de autores da nossa terra e do nosso Distrito: cónego António Luís Vaz, padre Doutor José Marques, Afonso do Paço e D. Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo.

O cónego A. Luís Vaz publicou "A Missa em Braga".

Como se trata de pessoa de casa, transcrevemos do semanário portuense "A Ordem" de 27 de Março, a apreciação feita por monsenhor Moreira da Neves, escritor e jornalista:

"Tem-se o Cónego A. Luís Vaz dedicado ao estudo da Liturgia Bracarense sobre que já nos deu alguns trabalhos notáveis. O último, editado há pouco, diz-nos o que foi no passado, o que é no presente e o que será no futuro a velha Liturgia de Braga, constituída, como todas, pelos sacramentos e os sacramentais, com particularidades que têm resistido a todas as controvérsias.

O Cónego Luís Vaz analisa em profundidade o conteúdo e o significado dos textos históricos sobre o que fundamenta as suas investigações e critérios seguidos sobre cada peculiaridade registada ao longo dos séculos.

Cada problema abordado exige atenção escrupulosa, quer quanto aos documentos essenciais, quer quanto aos subsidiários.

Diz-nos, na conclusão do seu estudo, o ilustrado autor: "Paulo VI, quando D. Francisco, após ter plebiscitado junto do clero a Liturgia Bracarense, sugeria a hipótese de substituir a Liturgia de Braga pela Romana, após terminantemente: "Mantenha-a! Mantenha-a! Nisto também eu sou conservador".

Para que tudo se mantenha na sua genujidade é que A. Luís Vaz eruditamente se apresenta e apostolicamente se afirma".

M.N.

Do padre Doutor José Marques, professor da Universidade do Porto, recebemos os seguintes trabalhos:

- "Relações Galaico-Bracarense no século XV, segundo as matrículas de Ordens do Arquivo Distrital de Braga";

- "Os Franciscanos no norte de Portugal nos finais da Idade Média";

- "A Administração Municipal de Vila do Conde, em 1466";

- D. Diogo de Sousa salvou a Matriz de Barcelos"; e

- "Cartas inéditas de D. João I do Arquivo Histórico Nacional de Madrid".

O nosso conterrâneo padre Doutor José Marques enveredou pelo campo da História, onde se tem revelado um investigador, um analista objectivo, e um leitor cuidadoso e seguro dos documentos.

Não é um copista, isto é, um divulgador, de documentos; não é um leitor subjectivo, pois enquadra os documentos na época, em que, surgiram; não é um passivo leitor, visto que, quando necessário e oportuno, emite com desassombro e segurança e a sua opinião, a sua interpretação.

Deste conjunto de trabalhos, que teve a amabilidade de nos oferecer, dois queremos agrupá-los, por-





Doutor José Marques

que se completam em áreas distintas. Em "Relações Galaico — Bracarenses no século XV" estuda a "intensidade da convivência das populações fronteiriças" através dos ordinandos que vinham da Galiza — das Dioceses de Orense, Tui, Santiago, Lugo e Mondonhedo — receber ordens sagradas ao Arcebispo de Braga, trabalho que documenta e esclarece com mapas.

Enumera ainda outras dioceses de Espanha que enviaram ordinandos a Braga, mas cujo número é muito inferior: enquanto estas dioceses só enviaram 65 de 1430 a 1468, no mesmo período as 5 dioceses da Galiza enviaram 597.

Em "Cartas inéditas de D. João I", o Autor aborda o mesmo tema das "Relações entre Portugal e Castela, ao nível das populações fronteiriças do norte do País".

Este trabalho centra-se no estudo, sobretudo do convento Cisterciense de Oia, com a documentação preciosa das Cartas inéditas de D. João I.

"Os Franciscanos no norte de Portugal nos finais da Idade Média" é um

trabalho necessário a quem deseje conhecer a implantação e o crescimento dos Franciscanos no Norte de Portugal nos finais da Idade Média.

Estudo de uma clareza impressionante, dá-nos a conhecer como os Franciscanos se foram implantando a Norte do Douro. Havendo na segunda metade do século XIII, apenas dois conventos — o do Porto e o de Guimarães — o Doutor José Marques diz-nos como e quando surgiram dois conventos notáveis — o de S. Frutuoso, nos subúrbios de Braga, em 1523, e o das Clarissas.

Quando surgem os Observantes mais contemplativos do que activos, aparecem outros conventos, mais próximos de nós. Lembra o de S. Paio, em Cerveira e o da Insua, na Foz do Minho.

Que bem nos faz recordar estes nomes, e outros da nossa Região, para conhecermos a influência dos Franciscanos na vida das nossas gentes. As clarissas de Vila do Conde, em que fala o Doutor José Marques no trabalho que acabamos de referir, surgem como e-

lemento essencial do estudo do mesmo autor intitulado "A Administração Municipal de Vila do Conde em 1466". E que o convento de S. Clara de Vila do Conde, devido aos privilégios de que gozava tinha o senhorio de Vila do Conde e Póvoa de Varzim além de outras terras. Este senhorio prolongou-se até ao século XVI.

O Autor estuda este facto histórico na 1ª Parte; na segunda, desenvolve e pormenoriza a vereação de 1466; a terceira é o desenvolvimento da concretização da administração.

No plano linguístico é de assinalar para nós raiaños, habituados ao **Alcaide**, na Galiza, verificar que o mesmo vocábulo existia no Município de Vila do Conde.

O trabalho do Município em Obras Públicas, na regulamentação das actividades económicas, a defesa das liberdades e direitos municipais, medidas sanitárias, merecem uma leitura atenta dos municípios e "alcaides" dos nossos dias para aprenderem a trabalhar conscienciosamente e a desejar a participação dos municípios.

Belo estudo e muito oportuno no plano histórico e no plano administrativo, mesmo nos nossos dias.

**"D. Diogo de Sousa salvou a matriz de Barcelos"** é o derradeiro trabalho do Doutor José Marques que analisamos.

Nele se historia a criação da Colegiada de Barcelos, que os Condes de Barcelos e Duques de Bragança cobiçavam para seu prestígio, e a decisão do Arcebispo de Braga, em remover a Matriz de Barcelos para fora dos muros da Vila, hoje cidade, tornando-a protegida, no plano religioso, contra possíveis tentativas dos Duques.

A. Luís Vaz e José Marques são filhos do nosso Concelho: o primeiro, natural de Fiães, o segundo, de Roussas.

Afonso do Paço é um jornalista distinto, que também cultiva a história, a poesia e a etnografia.

Em "Contos do Minho" inclui "Gerações de Pedreiros no Vale do Lima".

Na nossa terra de Melgaço foram famosos em Espanha e França os pedreiros de Castro Laboreiro.

Habitados ao trabalho duro abandonaram a pedra e surgiram construtores civis.

No Vale do Lima ainda há uma geração de pedreiros que se conserva fiel à herança familiar: são os Veríssimos, da freguesia de Brandara, bem conhecidos desde o século XIX no Minho e na Galiza.

Afonso do Paço faz-lhes a história quer como profissionais quer como cidadãos.

No mesmo trabalho, o Autor aproveita para se referir a Ponte de Lima como um grande núcleo de pedreiros e refere as pedreiras do Distrito de Viana, mais famosas.

De Melgaço, escreve Afonso do Paço:

"Foi "descoberta" uma pedra preta, que está a ter grande procura para decoração. Neste concelho teve notoriedade o Tenente Fernando Marques, como especialista em mineralogia".

— Dos pedreiros de Castro Laboreiro, uma musicóloga, filha do Doutor Joaquim Pires de Lima, recolheu a música com que os mesmos acompanhavam o seu trabalho. (Nota do crítico, colhida, há anos, por informação do compositor musical cónego Manuel Faria).

— Fernandes de Carvalho Araújo enviou-nos "Monografia de Santa Eulália de Rio Covo — Barcelos".

Esta escritora natural de S. Julião de Freixo, Ponte de Lima, é, sobretudo poeta.

Neste trabalho histórico revela-se uma investigadora cuidadosa.

Não foi à procura de documentos inéditos, que pu-





Afonso Paço

dessem existir. Recolheu tudo o que leu ou ouviu sobre S. Eulália de Rio Covô e escreveu esta monografia que compila o que há sobre a terra e suas gentes, envolvendo e destacando as famílias ilustres da freguesia.

Sobre os tempos primitivos desta terra, a Autora preferiu dar a vez a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que estuda o documento XIII dos "Diplomata et Chartae".

Oxalá a lição e exemplo de D. Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo tenham imitadores: as nossas terras precisam de quem as estude, colija documentos, e salvasse as tradições e os costumes.

E a história, que, nesta circunstância, é, mesmo, vida e orgulho dos habitantes.

**GALIZA**

**UNIVERSALIDADE DO SEU POVO**

Poemas de Laurinda Fernandes de Carvalho Araújo e António Afonso do Paço

Edição do Centro de

Estudos Sociais e Etnográficos de Viana do Castelo, saiu a lume neste ano de 1986, o livro "Galiza", que os subtítulos delimitam no espaço e no estilo.

São poemas a expressar a universalidade do povo da Galiza.

Trata-se de uma comunicação objectiva, enfeitada com rima abundante, em desfavor da alma poética.

Os temas a desenvolver e a preocupação insistente da rima, cortaram o vôo poético, que tão magistralmente se expressa em Rosália de Castro, galega, e João Verde, minhoto monçanense.

E, no entanto uma obra que busca dois objectivos sinceros: o retrato do galego e da sua terra, e a actividade expansionista do mesmo.

**"DESCENDÊNCIA DOS CASTROS"**

"Portugal (Dicionário Histórico...) de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, com data de 1907, tráz a seguinte informação: "Lopo de Castro. Filho de



Sr.ª D. Laurinda Carvalho

Fernão de Castro, alcaide-mor de Melgaço, e de D. Joana de Azevedo. Perito em Genealogia.

Escreveu e ficou manuscrito: "Descendência dos Castros". Casou com D. Isabel Soares".

Perguntamos: quem saberá onde se encontra o tal manuscrito?

JOÃO VERDE:

**Um poeta Regionalista**

A nossa conterrânea dra. Maria Manuel Pereira, de Penso, para a licenciatura em Filologia Românica, escreveu a dissertação "João Verde: um Poeta Regionalista".

Pena que ainda não fosse publicada.

**S'TAND AUTO LOURENÇO**

Fonte da Vila - Melgaço  
Telef. 43143

Pneus, Óleos, Lubrificantes, Baterias, Alinhamento de Direcções, Equilibragem de Rodas e Afinações.

**Automóveis e Comerciais**

TOYOTA  
Agente Oficial

**LOURENÇO MECANICO**

Informa os seus estimados amigos e clientes que se encontra à vossa disposição na Fonte da Vila, Frente ao Centro de Saúde. STANDE AUTO LOURENÇO e que o Serviço Oficial Toyota passa a funcionar neste local.

**VENDE - SE**

Canastro antigo, de boa pedra, com seis mós, com capacidade para 150 cestos de milho, no lugar de Crastos, freguesia de Paderne. Preço: 300 contos.

Telefone: 43276

\*\*\*\*\*  
\* AUTO MELGAÇO \*  
\* de \*  
\* EDUARDO JORGE \*  
\* LOURENÇO \*  
\* \* \*  
\* TEL. 4 2 4 5 9 \*  
\* S. PAIO \*  
\* MELGAÇO \*  
\*\*\*\*\*



## HISTÓRIA LOCAL

A gente de Melgaço foi, sempre, muito devota de Nossa Senhora.

Atestam-no as muitas igrejas e capelas dedicadas à mãe de Deus.



Não admira, pois, que logo em 1932 se organizasse a primeira peregrinação local a N. Senhora de Fátima.

As aparições foram em 1917.

Esta fotografia regista os peregrinos de então em Setembro desse ano.

\*\*\*\*

A nossa terra tem sido um viveiro de vocações sacerdotais.



Podemos dizer que houve três séries bem destacadas:

— a primeira que terminou com o padre Manuel Pereira, pároco de Cristóval;

— a segunda que começou com o padre Carlos Vaz; e

— a terceira que começou com o padre Carlos Nuno Salgado Vaz.

A foto que inserimos é uma das muitas missas novas que se celebraram. Esta é a do padre José Augusto Alves, natural da Gave, em 1934 onde se vêem cinco dos padres da segunda série: celebrante da missa

nova, o Hermenegildo Esteves, Carlos Vaz, Justino Domingues e António Domingues.

Desta série foi o padre Hermenegildo Esteves, que se vê na segunda fila, o primeiro que Deus chamou a si. Depois foi o padre Albertino Pereira, seguindo-se o padre Carlos Vaz e o padre Constantino Fernandes.

Sobressaiem ainda dois sacerdotes: o padre Manuel

Domingues Basto (Santa Cruz), notável jornalista, que foi o pregador, e o padre Augusto Lima Monteiro, pároco.

O grande forjador desta leva sacerdotal foi o padre João Vaz, professor oficial na Adedela, de quem, ao

morrer em Janeiro de 1939 disse o Arcebispo de então, D. António Bento Martins Júnior: "Foi um benemérito da Diocese".

Guardo uma carta do P.<sup>e</sup> Augusto Lima Monteiro, então doente na sua casa de Segude, Monção e que tem uma história.

O padre Augusto foi o pregador da missa nova do padre Carlos, na capela do Coração de Jesus, na Adedela. E era muito nosso amigo.

Adoecera, e recolheu à sua casa em Segude.

Meu tio e padrinho, padre João Vaz, falara ao Dr. Manuel Rocha Peixoto, médico distinto na cidade de Braga, de um chá usado na nossa terra contra a albumina crónica.

Esse médico, corajoso, não hesitava em recomendá-lo aos seus doentes.

Eu recomendei-o ao padre Augusto, facto que motivou a seguinte carta.

Segude,  
13-9-948

Meu prezado am<sup>o</sup>  
P.<sup>e</sup> Júlio Vaz

Porque hoje celebrei pelo meu saudoso amigo, P.<sup>e</sup>

João Vaz, escrevo-te a agradecer o teu cuidado e desejo da minha saúde tão abalada. Recebi, pois, a porção de Alfabaca de cobra (*Parietaria officinalis*) que o meu am<sup>o</sup> teve a generosidade de me enviar.

Mostras bem que és um autêntico sobrinho do grande P.<sup>e</sup> João Vaz, digno de um busto na sua terra natal.

Um busto! Um busto ao P.<sup>e</sup> João Vaz!!...

Eu subscrevo-me.

Mãos à obra.

Recebe um abraço do teu

P.<sup>e</sup> Augusto



Em 1950 a Juventude católica Portuguesa organizou uma Peregrinação Nacional a Roma para participar no Ano Santo.

Nela tomaram parte

três elementos de Melgaço: Marcelino Rocha, aluão do Instituto Superior de Agronomia, Jaime Maker, e o padre Júlio Vaz, como se documenta na fotografia que inserimos.

\*\*\*\*

Em 1954, vindo da Golegã, subimos a Fátima com a família Domingues, cujo tronco, o major Domingues,

era natural de Couso.

Ainda vivia o "Tio Marto" pai dos Videntes de Fátima: Jacinta e Francisco.

O santo velhinho rece-



beu-nos e deixou-nos foto-grafar com ele.



\*\*\*\*

Em Maio passado, Sarney, Presidente do Brasil, visitou Portugal oficialmente.

Na foto, Sarney conversa entusiasmado com o nosso conterrâneo Dr. Domingos Araújo da Cunha Gonçalves, Adido da Embaixada do Brasil.



O encontro de Sarney com Domingos Cunha Gonçalves

SE VAIS A BRAGA  
ALMOÇA OU JANTA  
NO RESTAURANTE  
"LUZ NATURAL"

Rua Dr. Francisco Machado  
Owen, 168  
Bairro Quarte Pacheco  
Tel. 72468 - 4700 Braga

## FESTA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Como de costume, realizou-se no Monte do Facho da freguesia Cristóval a festa em honra de Nossa

Senhora de Fátima.

No dia 12, às 21 horas, uma imponente Procissão de Velas, conduziu a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, desde a Capela de S. Gregório até ao Monte do Facho.

No dia 13, às 12 horas, Missa Solene, presidida pelo Sr. Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Manuel Lourenço.

As 19 horas, para encerramento das solenidades, realizou-se a Procissão e o Adeus à Virgem, em que o recinto foi pequeno para albergar os milhares de fieis que ali acorreram, vindos de diversas localidades, bem assim como também da vizinha Espanha, que ali se deslocaram a fim de assistir a tão piedoso a-

## CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO

Aos Associados da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço.

### Convocação da Assembleia Geral Extraordinária.

Nos termos estatutários convoco os Prezados Consócios da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço a reunir em sessão extraordinária nas instalações da Caixa, sitas na Travessa da Rua Nova de Melo no dia 15 de Junho, domingo,

do corrente ano, pelas 10 horas (manhã), com a seguinte ordem de Trabalhos:

1) Eleição da Direcção e Corpos Gerentes para o próximo triénio;

2) Apreciação de diversos assuntos;

Mais informo de que as listas devem dar entrada na sede da Caixa, até oito dias antes da data de realização da Assembleia Geral, subscritas por, pelo menos, dez associados, contendo indicação de candidatos em número suficiente para o preenchimento de todos os cargos sociais, e acompanhadas por declaração de aceitação dos candidatos.

Presidente da Mesa da Assembleia Gerál

Manuel José Gomes  
de Sousa

### AGRADECIMENTO

### ANTONIO JOAQUIM SARANDÃO

A família de Belarmina Cândida de Freitas, que morou em Prado - Melgaço, vem por este meio agradecer às pessoas que estiveram presentes no funeral e actos de culto, ou que de qualquer outro modo lhe manifestaram o seu pesar.

Pedem desculpa de qualquer falta involuntária.

Filhos, Filhas, Genros, Noras e netos vêm agradecer, sensibilizador e muito reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram tomar parte no funeral e actos de culto do saudoso extinto ou que, de qualquer outro modo, acompanharam este doloroso transe e manifestaram o seu pesar.

cto de fé, demonstrando, assim, que são devotos de Nossa Senhora de Fátima, e que mais uma vez, lá estiveram a prestar à Mãe do Céu, as suas homenagens.

Alfredo do Paço

## FERNANDO PEREIRA

Com apenas 47 anos, faleceu em França, de doença incurável e galopante o bom amigo Fernando Pereira, natural do lugar da Carpinteira, freguesia de S. Paio, filho de José Amaro Pereira, mais conhecido por José Travessa, e de Laura Alves. O saudoso extinto estava casado com Maria Augusta, a residir em Braga, e era pai de 2

rapazes, o Manuel Augusto e o António Carlos, alunos do ensino secundário na cidade dos arcebispos.

Falecido em 8/5/86, o Fernando Pereira foi a sepultar em S. Paio, em 15 de Maio, pelas 15,30 h, após se ter feito o percurso da Costa à Igreja, a pé, e de ter sido celebrada missa e cantados os ofícios na Igreja paroquial. Apesar da incerteza da hora da chegada, foram muitos os que se uniram à dor dos familiares e que os acompanharam em momentos tão difíceis.

Paz à sua alma e os sentidos pêsamos a sua esposa, filhos, pais, irmãos e demais familiares.

Carlos Nuno



## CONFERÊNCIAS DE IMPRESA

— Desenvolvimento económico do Distrito de Viana do Castelo.

— Centro Emissor do Muro da RTP.

\* \*

No mês de Maio efectuaram-se duas conferências de imprensa: uma na cidade de Viana, promovida pelo Governador Civil, e outra em Braga, promovida pelo Gabinete de Imprensa da Rádio Televisão Portuguesa.

A de Viana efectuou-se em 21 e a de Braga, em 23.

O Dr. Vitor Loureiro, Governador Civil de Viana do Castelo tem revelado duas grandes qualidades: a **vontade sincera de impulsionar o desenvolvimento do Distrito e o desejo de auscultar a imprensa regional sobre o problema interessando-a em leal colaboração com aquela entidade oficial.**

Sabendo-se que não há desenvolvimento sem boas vias de comunicação, o Governador Civil apresentou um plano de obras concretizadas — e não de sonho — em **estradas, pontes e porto de Viana do Castelo.**

De registar que em redes viárias o Alto Minho é francamente atingido.

Assim estão concursos abertos, com data marcada para as estradas seguintes:

— Beneficiação da estrada Braga, — Viana do Castelo e Vila Praia de Ancora;

— Beneficiação da estrada entre Monção e Portela do Extremo;

— Beneficiação da estrada entre Portela do Extremo e Braga;

No mês de Julho abrir-se-á o concurso da estrada de Valença e Monção.

Em conversa com os jornalistas o Governador Civil ainda deu a esperança

de na primeira fase se proceder à rectificação da estrada de Valença a S. Gregório.

Com entrada pela cidade de Viana no Alto Minho, a ponte de Viana do Castelo ganha extraordinária importância quer comercial quer turística, já que a ponte actual, ainda que histórica, não serve devidamente aqueles objectivos.

E, pois, uma obra primordial.

O Governador Civil garantiu o concurso de adjudicação em 1987, o mais tardar.

Entretanto, a curto prazo, far-se-á a reparação da actual ponte sobre o Rio Neiva com a construção a montante de um pontão que permita o trânsito nos dois sentidos.

Este arranjo será provisório, visto que só vigorará até que se façam os acessos à ponte de Viana, ponte em vias de solução definitiva, embora ainda em estudo a largura e as pistas.

A médio prazo surgirá a Via — Rápida Braga — Valença, a qual obriga a estudar ou o aproveitamento da ponte de Lanheses ou uma nova ponte a montante.

Esta Via — Rápida só será Auto — Estrada nos acessos em Valença.

Depois das estradas e das pontes falou-se largamente do Porto de Viana.

E assunto muito antigo e, ainda não resolvido.

Aliás de difícil solução por várias razões:

— está situado muito próximo de dois grandes portos: Leixões e Vigo;

— não há industria exportadora bastante no Distrito e nas proximidades; e  
— a rentabilidade, por tudo isso, é negativa.

O Governador recomendou que a imprensa divulgasse as potencialidades actuais para a importação e para a exportação.

O Governo só ajuda quando se atingirem as 700 ou 800 mil toneladas.

Apesar disto, vão ser lançadas as seguintes obras: prolongamento do molho Sul e dragagem do canal, pavimentação e armazéns e equipamentos.

Os jornalistas formularam várias perguntas, algumas delas sobre o Hospital de Viana e o Ensino Superior.

O Dr. Vitor Loureiro respondeu anunciando duas visitas ministeriais da Saúde e da Educação — proximamente.

Felicitemos o Governador Civil do nosso Distrito pelo esforço e zelo com que promove o Desenvolvimento conjunto do Alto Minho.

## CENTRO EMISSOR DO MURO

No dia 23, o Gabinete de Imprensa da Rádio Televisão deu, na cidade de Braga, uma Conferência de Imprensa sobre o Centro Emissor do Muro.

Historiamos os factos:

— forte temporal derrubou a torre e, por arrastamento, as antenas, e desta forma tornou-o inoperacional quer para o 1º quer para o 2º canal;

— foram atenuadas as consequências desse derrube com o recurso a instalações provisórias ou alternativas a partir dos Centros Emissores do Porto e da Lousã.

E indispensável, no entanto por em funcionamento o Centro Emissor do Muro.

Porquê, então tanta demora? Os intervenientes, por parte da Televisão, disseram aos jornalistas:

— o problema é complexo devido à natureza da torre e à peculiaridade das antenas;

— as características técnicas obrigam a uma fa-

bricação especial;

— não sendo possível obtê-la na indústria nacional, recorreu-se à indústria estrangeira;

— como esta não tinha material em "stock" teve de se recorrer a projectos próprios;

— feitos estes, só então é que as empresas apresentaram os preços; e

— tudo isto levou tempo, e, analisadas as propostas, fez-se a encomenda para o 1º canal.

Neste período longo desejou-se proceder à construção das infra-estruturas, mas as condições atmosféricas não têm permitido. Só com temperaturas razoáveis é que se poderão fazer.

As mesmas condições atmosféricas obrigaram à escolha de uma torre de sistema auto-suportado.

Conforme afirmação dos responsáveis, o Centro Emissor do Muro contará funcionar no próximo Outono, Centro que será a unidade mais moderna de serviço na rede nacional de TV, e que possibilitará uma grande melhoria na recepção dos programas.

### Exame de artérias

Com uma nova técnica radiográfica, os vasos sanguíneos podem agora ser examinados de modo muito mais fácil. Um computador elimina da imagem radiográfica todos os elementos que atrapalham a observação das artérias, por exemplo, a imagem de ossos e de órgãos internos. Num monitor, os vasos examinados podem ser vistos claramente (foto). A imagem perfeita, que o médico obtém assim, pode ser decisiva para salvar a vida do paciente — por exemplo, no caso de uma embolia pulmonar. Até agora, os pacientes com flebite nas pernas ou com distúrbios circulatorios tinham de ficar internados vários dias no hospital, sob observação. Agora, já podem deixar o hospital uns quinze minutos depois de feito o exame.

## TAXI

VENDE-SE

Praia da Vila

Informações: Telef. 42652

MELGACENSE:



## 1º ENCONTRO DE JORNALISTAS DO ALTO MINHO

### 10 E 11 DE MAIO DE 1986 EM ARCOS DE VALDEVEZ

Promovido pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, com o apoio da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

#### PROGRAMA:

##### DIA 10

- 10.00 h — Recepção e Sessão de Abertura.
- 10.30 h às 12.45 h — Sessão de Trabalho.
- 12.45 h — Inauguração da Exposição "A IMPRENSA DO ALTO MINHO" e lançamento do 7º número da Revista de Cultura "TERRA DE VALDEVEZ":
- 13.00 h — Almoço.
- 15.00 h — 2ª Sessão de Trabalho.
- 18.00 h — Encerramento dos Trabalhos do 1º dia.

##### DIA 11

- 10.30 h — Sessão de Encerramento e Proclamação das CONCLUSÕES, com a presença do Secretário de Estado Adjunto para a Comunicação Social, do Governador Civil do Distrito e do Director-Geral da Comunicação Social.
- 12.30 h — Almoço.
- 15.00 h — Visita a lugares de interesse no Concelho.

Estiveram presentes personalidades ligadas ao sector da Comunicação com responsabilidade na região destacando-se, entre outras, a presença do Monsenhor Reis Ribeiro, prof. dr. Salvato Trigo, doutor Euclides Rios, dr. Abílio Faria, Padre Júlio Vaz, João Esteves e outros; representantes dos jornais de Caminha, Monção, Melgaço, Ponte de Lima, Ponte Barca e Arcos de Valdevez; o semanário independente "O POVEIRO", representado por Manuel Agonia, O Club da Comunicação Social de Coimbra, representado pelos jornalistas António Barreiros, Fernando Madafil e Mário Martins; Agência de Notícias de Portugal, Televisão e tantos outros.

Formada à Mesa, que teve como moderador o senhor Manuel Agonia, da Póvoa do Varzim, falou em primeiro lugar o Presidente da Associação de Jornalistas do Alto Minho, Dr. Euclides Rios, que deu a palavra ao Presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Dr. Américo de Sequeira, que depois de saudar e dar as boas-vindas a todos os PRESENTES começou por dizer:

"E hoje reunião da IMPRENSA REGIONAL, tantas vezes incompreendida, ou mal compreendida. A Imprensa Regional está reservada uma tarefa dura, pois é ELA a fonte mais pura da cultura rústica. Estamos aqui para discutirmos problemas candentes do nosso Alto Minho, tão carecido do jornalismo de Verdade e de Justiça. São de ordem financeira os problemas da Imprensa Regional, desta Imprensa da qualidade e da informação, ou não será verdade que alguns dos homens de letras deste país se iniciaram nos jornais de província?"

E ainda à Imprensa Regional que se deve trabalho meritório em todos os campos dos jornalismo e da cultura.

Referiu a presença do Padre Júlio Vaz, como Mestre do jornalismo, professor de português e escritor, a quem se deve "AO FECHAR DA PAGINA", sobre política, que publica no jornal "O CAVADO".

O Dr. Euclides Rios disse o porquê da escolha de Arcos de Valdevez para a realização deste ENCONTRO. E daí esta Ordem de Trabalhos para o Jornalismo Regional.

Foi muito aplaudido.

Falou Monsenhor Dr. Reis Ribeiro, criticando formas erradas na composição dos jornais da Imprensa Regional, como por exemplo uma notícia da 1ª página tenha continuidade na última página e desta para as páginas centrais. E que, por vezes, — disse — a 1ª página é ocupada com duas ou três notícias, que dão motivo à continuação noutras páginas, o que dá mau aspecto gráfico ao jornal, que deve ser composto com todo o cuidado, para não se cair em crónicas.

O Dr. José Luis, membro da Direcção da Imprensa não diária, disse que os jornais regionais devem apresentar projectos, para financiamento, uma vez que a Imprensa Regional carece de jornalistas jovens, com novas tecnologias. Na área do jornalismo regional deve haver formação de jornalistas com direito a estágio, alimentação e participação, etc. A Imprensa Regional faz parte integrante da informação. Informou que sairá dentro de dias um despacho do Subsecretário de Estado, comunicando que do TOTOLITO sairá dinheiro para auxílios na ordem dos 32,5%.

O Secretário da Associação Regional do Alto Minho disse dos problemas e dificuldades da Imprensa Regional do Alto Minho. Os sucessivos governos não têm tido o menor carinho para esta Imprensa e pede PARQUE GRAFICO COMUM para os jornais regionais do Alto Minho e que a imprensa regional seja libertada da fiscalidade.

Em 1985 — disse ainda o Secretário — o Estado distribuiu 1 milhão e 300 mil contos à Imprensa Diária e apenas 70 mil contos à imprensa regional, e na verdade, esta IMPRENSA é o alfobre dos jornalistas do nosso país.

O Dr. António Cacho, advogado em Arcos de Valdevez, disse que nos jornais regionais devia ser publicada "toda a vida" das Câmaras Municipais, mas estas não fornecem aos jornais cópias da sua vida porque têm boletins que lhes custam os olhos da cara, só para não darem serviço à IMPRENSA REGIONAL.

Para os jornais regionais o porte nos CTT devia ser gratuito; nos jornais diários é mais limitado, pois arrecadam somas avultadas, da venda dos mesmos.

Júlio Vaz referiu que os jornais regionais são muitas vezes realizados só por familiares e nada mais, o que mostra com clareza a carência em que vive a IMPRENSA REGIONAL. E afirma: ao desaparecer um jornal regional desaparece a história da terra, pois a Rádio e a TV não fazem história. E começa por apresentar ELEMENTOS PARA UM ESTATUTO DIGNIFICADOR DA IMPRENSA REGIONAL.

O tema é de difícil interpretação, porque já está bem definido e clarificado no plano **jurídico e profissional**.

A Constituição é clara no nº 6 do Artigo 38º:

"As publicações periódicas e não periódicas podem ser propriedade de pessoas singulares, de pessoas colectivas sem fins lucrativos ou de empresas jornalísticas sob forma societária, devendo a lei assegurar com carácter genérico, a divulgação da propriedade e os meios de financiamento da imprensa periódica".

Está, pois, garantida a criação e a propriedade da imprensa, no plano **jurídico**. Está, também, definido o Estatuto no plano **profissional**.

A Lei da Imprensa/1975 — diz no nº 4 do Artigo 3º: "As publicações informativas deverão adoptar um estatuto editorial, o qual definirá a sua orientação e objectivos comprometendo-se a respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional. ..."

Temos, pois, todos, a capacidade jurídica de criar órgãos de imprensa; temos, por força, um ESTATUTO obrigatório.

Que entender, portanto, pela designação "Estatuto Dignificador da Imprensa Regional"? A Constituição e a Lei dignificam-na.

Terão a mesma preocupação as Autoridades e a Sociedade em Geral?

Não têm.



Um deputado Flaviense disse em 3 de Março na Assembleia da República: "A Comunicação Social e os problemas ligados ao sector, bem como o complexo campo da informação na actualidade, têm constituído um dos temas em foco nos últimos tempos, quer a nível da opinião pública em geral, quer mesmo neste Parlamento.

Talvez, por isso, me pareça oportuno trazer a esta tribuna a componente daquele sector que é **tradicionalmente** esquecida ou subestimada, que não é aflorada e muito menos discutida como tal. Já que a diluição da sua problemática específica no contexto global da comunicação social escrita, ou mesmo no âmbito mais restrito da imprensa não diária — na qual se integra, mas com características muito próprias e área bastante limitada —, não permitem tratamento em conformidade com a sua real importância nem com a dignidade que a sua missão exige e merece.

Refiro-me, Senhor Presidente e Senhores Deputados, como já se devem ter apercebido, à Imprensa Regional, esse importante meio de comunicação no país real que somos, baluarte das pequenas comunidades que serve, e que nem sempre é reconhecida e considerada numa corrente perspectiva dos interesses locais, tratada, tradicionalmente, como o **enteado pedinte** da comunicação social no que toca a apoios oficiais e benefícios sociais".

Fernanda Leitão, em "CARTAS DO EXILIO" publicada em "O Zé" de Rio Maior, escreveu em 1 de Maio de 1986: "A imprensa regional é, em termos reais de força e impacto, **a mais importante do país**: atinge, dentro e fora de Portugal, 5 milhões de pessoas que acreditam no que lêem, porque sabem estar a tratar com folhas pobres mas limpinhas. Porque isto é assim, e está mais do que está demonstrado pela experiência de muitos anos, o poder político faz o que pode para asfixiar essa imprensa (e não só esta) mas até a grande imprensa desde que seja da oposição ao regime".

Temos, pois, garantia jurídica de existência e de actividade; temos 5 milhões de leitores; e não somos nem aceites nem compreendidos nem ajudados de acordo com o nosso valor. Não somos dignificados. A culpa, cabe-nos, a nós, em grande parte, porque não temos sabido **ser, estar, e trabalhar**. E isto — esta deficiência — limita a nossa influência política e social.

O Director do jornal da Marinha Grande, em carta circular, datada de 7 de Novembro de 1985 faz as seguintes afirmações: "Com alguma frequência, temos participado em reuniões, seminários, encontros, mas, depois de terminados, damos-nos conta de que, uma vez mais, passamos ao lado dos reais problemas que conhecemos e sentimos no dia a dia da feita dos nossos jornais";

— "Acontece, aliás, que essas reuniões são quase sempre patrocinadas por terceiros, não admirando que percamos mais tempo a escutar e discutir os **seus** problemas do que os nossos".

"Pretendo com esta iniciativa — um ENCONTRO DA IMPRENSA REGIONAL — emprestar alguma dinâmica à causa que nos une — a IMPRENSA REGIONAL";

— "E minha opinião que **não temos sido capazes** de equacionar e dinamizar as enormes potencialidades que possuímos e que são, em substância, as potencialidades do País Real".

No plano nacional e, até, o Regional — **o nosso** — as afirmações estão certas: das reuniões efectuadas nada tem resultado.

Não temos sabido estar e trabalhar, em conjunto. É curioso registar que a UNESCO no seu programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação cujo debate se efectuou já em 1978, na 20ª Sessão da Conferência Geral aprovou as declarações do Chefe da Delegação dos Estados Unidos da América, sendo, uma delas, esta: "No que se refere à área geográfica em que os projectos são realizados, o Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação concede uma **prioridade decrescente aos empreendimentos de dimensão regional, em seguida sub-regional, finalmente, nacional**".

Estamos em plano regional. Mas mesmo neste plano, a nossa imprensa não tem sabido **estar e trabalhar**.

Não há entendimento quanto aos assuntos — nem se propõem —, não há uma coordenação eficiente, e o resultado é este: os problemas da Região não contam com a **intervenção conjunta da imprensa regional**.

Se no plano nacional, as afirmações são válidas, são-no, também, no plano regional.

Falhando no plano nacional, as Autoridades Nacionais não temem a nossa força, apesar de ser numericamente importante, e brincam com a nossa falta de unidade.

Falhando no plano regional, as Autoridades só nos procuram para divulgar as suas iniciativas e fazem-no junto de cada jornal. E a IMPRENSA REGIONAL perde força e combatividade.

Acontece, ainda que somos vítimas da **incultura** da Autoridades e cidadãos.

Nem aquelas nem estes avaliam devidamente a importância e a utilidade da IMPRENSA REGIONAL, que o deputado de Chaves descreveu aos parlamentares desta forma: "**Vocacionada** para uma informação de âmbito local que não motiva, compreensivelmente, a grande imprensa diária e de âmbito nacional, **sensibilizada** para os anseios e problemas que vive de perto e que os desenvolve com pormenor e realismo no exacto enquadramento e intensidade com que são sentidos pela população, a Imprensa Regional constitui uma força não menos importante, em termos de esforço conjugado para a correcção de assimetrias e o desenvolvimento equilibrado das regiões, do que os grandes órgãos da comunicação social mais vocacionados e orientados para uma informação mais geral e menos individualizada geograficamente. Não menos importante, embora reconhecida de menor impacto e público mais restrito."

O que fazemos nós com a "A VOZ DE MELGAÇO"? Mandámo-la para todas as Escolas. O alheamento do professorado é completo.

Apesar desta incultura, a Imprensa Regional tem de saber **ser** imprensa localmente.

\*\*\*\*

Como dignificar a IMPRENSA REGIONAL?

Com um Estatuto?

Temo-lo jurídico e profissional.

O nosso será:

saber ser, estar e trabalhar,

— Que o jornal seja um espelho de dignidade local e de interesse. Consciencialização.

— Que saibamos estar, sem egoísmos, em torno dos legítimos interesses **regionais e nacionais**.

— Que o nosso trabalho individual colectivo, seja leal, honesto, dedicado e desinteressado e, sempre, em comunhão com os demais: que seja consciente, disciplinado, cooperante e comprometedor.

A dignificação não se impõe com leis; impõe-na a conduta do responsável.

O CLUB DA COMUNICAÇÃO SOCIAL DE COIMBRA, que integra três jornais — "O DESPERTAR", "O COMERCIO DE COIMBRA" e "O DIARIO DE COIMBRA" — foi aqui representado por três jovens jornalistas, que demonstraram vir a ser óptimos profissionais. Disseram estarem encantados com este 1º ENCONTRO, no qual recolheram valiosos ensinamentos.

Agradeceram a oportunidade da sua presença, o bom acolhimento demonstrado, e a forma como foram distinguidos pelos organizadores do ENCONTRO, pela Câmara Municipal e seu Presidente Dr. Américo de Sequeira.

De tarde falou o Dr. Salvato Trigo sobre PODER LOCAL E REGIONAL, problemática que a Imprensa Regional terá que debater, quando as coisas não correm de feição — disse —. E continuou: Conceitos de Nação. Conceitos de Estado. Nem sempre os interesses da Nação são os interesses do Estado. A Nação é um Estado de perenidade. O Esta-



do, em determinado momento, é constituído por homens, defendendo um conjunto de valores, às vezes incompreendidos. Portugal, depois de ter visto que a França não foi capaz de aguentar uma guerra com a Argélia (e não só a França), mesmo assim envolveu-se numa guerra colonial, que não conseguiu levar a um bom termo, não ouvindo o valor da IMPRENSA REGIONAL, que é a que representa melhor o espírito da nação, e é sobretudo isto que efectivamente nos interessa preservar. Oito séculos de História não são para esquecer. Nem sempre o Estado nem sempre o Governo são os que têm razão. O ALTO MINHO é acusado de sermos apegados de mais à nossa região. Os jornais de Melgaço, Monção, etc., são órgãos da imprensa Local e não da imprensa regional. E digo-o abertamente: que no Alto Minho não existe imprensa regional para pôr os interesses da Região.

Em Viana do Castelo quais são os órgãos em que se debate a agricultura, aproveitamento das suas parcelas, conquista ou reconquista de baldios, etc.? Quais são os órgãos da imprensa regional que estão dentro do que é a integração na C.E.E. (Mercado Comum Europeu)? E os nossos lavradores ou gentes ligadas à lavoura não sabem de que podem beneficiar dentro da CEE. Quantas vezes é que os nossos órgãos debateram a poluição ocasionada pela PORTUCEL? Quantas vezes? Ela — a PORTUCEL — estará a funcionar dentro dos melhores moldes, para evitar a poluição?

E afirmou: "Cada povo tem o governo que quer e não o que merece. É uma verdade! Viu-se nas últimas eleições... O povo, o bom povo, gramou o governo que não merecia, mas que outros quiseram que tivéssemos! O primeiro ministro veio a Viana fazer uma visita unicamente demagógica e a Imprensa Regional não se atreveu a falar no assunto." E continuou...

O senhor doutor Salvato Trigo, professor distinto, pareceu-me ter-se desviado, em certa altura, da matéria principal deste encontro, atacando indistintamente pessoas ligadas a jornais e à CULTURA (aliás esta minha opinião foi corroborada por jornalistas que estavam a meu lado, na mesma fila) o que me levou a desligar-me do discurso e das palavras do doutor Salvato Trigo.

O senhor Manuel Agónia, moderador deste 1º ENCONTRO, afirmou que "O Jornal do Fundão" está a sofrer um inquérito devido a desonestidades, que esclareceu. Em seguida referiu-se à necessidade de dizer aos portugueses qual é a dívida do Estado à Imprensa Local e Regional; lutar para ser abolida a Lei da Imprensa, pois precisamos que os Governos se assumam e olhem de frente para a nossa IMPRENSA REGIONAL tão carecida de auxílios.

Teve a palavra o Dr. Abílio Faria, alertando para as "habilidades" dos governantes no que toca a não facilitar e a não conceder carteiras de jornalistas, mormente aos dos jornais locais e regionais. E concluiu dizendo: "Aos que trabalham e são responsáveis pela Imprensa Local e pela Imprensa Regional deviam ser dadas todas as facilidades como aos profissionais da Imprensa diária".

Fala de novo, o Padre Júlio Vaz para, em esclarecimento ao Dr. Salvato Trigo lhe dizer: "Em Melgaço não há assalariados, mas sim muito dinheiro".

A questão é outra: como levar a gente com tanto dinheiro a ter iniciativas e a trabalhá-las.

O Representante do jornal "AURORA DO LIMA", o 2º mais antigo jornal regional que conta 130 anos de existência, e teve como Chefe de Redacção principal Camilo Castelo Branco que, em folheteins, escreveu neste mesmo jornal o romance "CARLOTA ANGELA", que mais tarde foi publicado em livro, teve ainda como colaboradores Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Figueiredo da Guerra, João da Rocha, Artur Anselmo e outros, falou sobre a crise da Imprensa Regional, na criação de um ESTATUTO para a mesma e noutras carências. Alongou-se sobre o PARQUE GRAFICO DA IMPRENSA REGIONAL e terminou dizendo: Julgamos que este ENCONTRO começou sob o signo da ESPERANÇA. Oxalá assim aconteça.

E acrescentou: Terminei parafraseando o nosso Poeta: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Os trabalhos neste 1º dia do ENCONTRO terminaram às 19.30.

E agora, que já estamos no 2º e último dia deste bem organizado ENCONTRO DA IMPRENSA REGIONAL DO ALTO MINHO que, como estava programado, começou às 10.30 e terminou às 21.30, depois da visita a lugares de interesse dentro da Vila de Valdevez, Paço da Glória, em Jolda (Madalena), Suájio e sua BARRAGEM DA VARZEA e Ermelo para visitar as ruínas do antigo convento, visita que não se fez devido ao adiamento da hora, passamos a relatar em síntese o curso dos trabalhos do último dia.

A sessão do encerramento principiou às 11.15 com a presença do secretário de Estado para a Comunicação Social Luís Marques Mendes, ladeado pelo Director-Geral da Comunicação Social, Governador Civil e outras individualidades, Chefe do Posto da G.N.R. e 1º subchefe do Posto da P.S.P.

O Presidente da Câmara Dr. Américo de Sequeira abriu a sessão dirigindo-se ao Secretário de Estado e a todos os Presentes, saudando-os por estarem nestas terras cheias de beleza do Alto Minho, frisando a situação da Imprensa Regional e Local, tão desprezada pelos governantes. Detectar os erros, para se corrigirem ou anularem totalmente.

O Dr. Euclides Rios disse do valor deste ENCONTRO, anunciando para breve a realização em Viana do Castelo do CONGRESSO DA IMPRENSA REGIONAL.

O Secretário da Comunicação Social disse ser estas as primeiras visitas que faz desde que tem um cargo governamental. E depois de certas considerações anunciou que a situação da Imprensa Regional vai melhorar, pois estão a sair Leis para tal fim, incluindo descontos de 30% nos CTT para toda a Imprensa, incluindo a Regional, dotação de verbas para Parques Gráficos, Fundo Permanente Financeiro na formação de jornalistas de toda a imprensa, quer nacional quer regional.

As 12.10 foi encerrado o ENCONTRO, com a distribuição de galhardetes com as armas da Câmara Municipal. Seguiu-se o almoço, servido no Paço da Glória, local de sonho e de nobreza, a 10 quilómetros de Arcos de Valdevez.

#### CONCLUSÕES DOS TRABALHOS

O 1º Encontro da Imprensa Regional do Alto Minho promovido pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, realizado no Salão Nobre dos Paços do Concelho dos Arcos de Valdevez, nos dias 10 e 11 de Maio de 1986, fez, entre outras, as seguintes RECOMENDAÇÕES:

- a) necessidade de valorização, em termos qualitativos, da Imprensa Regional;
- b) Independência da Imprensa Regional e Nacional face ao Estado;
- c) incentivar a realização de cursos de formação e reciclagem para jornalismo da Imprensa Regional.

Por outro lado, os participantes no Encontro DECIDIRAM:

1. Estudar a possibilidade de formação de cooperativas de jornais da Imprensa Regional, com vista à instalação de parques gráficos comuns;
2. Solicitar a revogação urgente do Decreto Lei nº 85-C/75;
3. Criar condições para os jornalistas da Imprensa Regional se equiparem, em direitos e regalias, aos jornalistas sindicalizados;
4. Exigir a publicação do montante dos subsídios atribuídos à Imprensa e a lista dos respectivos beneficiários;
5. Activar a Comissão de Fiscalização de Tiragens;
6. Solicitar prioridade para a Imprensa Regional na instalação de "rádios locais";
7. Exigir o fim da concorrência desleal das Câmaras



Municipais à Imprensa Regional, evitando que as autoridades publiquem "boletins informativos" e que as verbas gastas pelos executivos municipais, nessas publicações, sejam destinadas à Imprensa Regional;

8. Pedir ao Governo que legisle no sentido dos Organismos Públicos serem obrigados a publicar os seus editais nos jornais locais.

Além disso, os participantes prestaram homenagem à memória do jornalista Lopes do Souto, por ter sido o introdutor do *ofset* em Portugal e aprovaram ainda, um voto de agradecimento à Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, na pessoa do seu presidente, Dr. Américo Sequeira, pelo apoio prestado à organização deste encontro.

Arcos de Valdevez, 11 de Maio de 1986

Aurélio R. Barbosa

### A TRAGÉDIA DA CENTRAL DE TCHERNOBIL

A "Resistência Internacional" com sede em Paris, divulgou um comunicado que diz:

"A tragédia da central nuclear de Tchernobil mostra ao mundo o valor das garantias e acordos internacionais assinados pelo governo soviético.

"Só ao fim do terceiro dia e só depois da situação se ter tornado crítica, o governo soviético deu conhecimento do sucedido ao Ocidente. Os cidadãos soviéticos continuam a receber informações deturpadas premeditadamente pelo "seu" poder popular, que nunca considerou, em circunstância alguma, advertir o povo do perigo que o ameaça. Foi assim nos momentos críticos da Segunda Guerra Mundial. O mesmo se verificou com a catástrofe de Tchernobil.

"Cientistas soviéticos, concretamente os académicos Andréi Sàkharov e Pi-

otr Kápitsa advertiram reiteradamente os possuidores do Poder contra a negligência criminosa, da não adopção de medidas de segurança nas centrais nucleares soviéticas.

"Consideramos — sublinha o Comunicado — que em tais condições quaisquer negociações sobre um novo "desanuviamento da tensão", sobre "segurança e colaboração na Europa", sobre a "paz mundial", serão o resultado de ilusões que contribuirão para intensificar a desinformação do totalitarismo no Ocidente.

"A lição de Tchernobil faz recordar a toda a gente que a verdadeira paz é inconcebível à margem do contêxto da Liberdade e dos direitos do Homem; que as ilusões políticas não salvam da contaminação rádioactiva e que a sincera compreensão mutua entre os povos só é possível nas condições da democracia representativa".

(In-Seminário P. Russo).

F. Ferreira

## ARBITROS DE FUTEBOL

A Associação de Futebol de Viana do Castelo e o Conselho de Arbitragem recebem inscrições até 29 de Agosto para o Curso de árbitros de futebol, que se inicia em 8 de Setembro.

Os requerentes terão de possuir os seguintes predicados:

1) Ser um cidadão de conduta moral e cívica irrepreensível e residir no distrito de Viana do Castelo

2) Ter nacionalidade portuguesa e idade compreendida entre os 18 e 33 anos

3) Não ter nenhum defeito físico, e medir de altura o mínimo de 1,60 mt.

4) Ter como mínimo o 6º ano de escolaridade ou nível de cultura semelhante.

## CAMPOS DE TRABALHO

O FAOJ, de Viana do Castelo, vai realizar durante o Verão deste ano, Campos de Trabalho, com a duração de 15 dias.

E para jovens de 16 aos 25 anos e no nosso Concelho realiza-se um em Remoães, de 28 de Julho a 9 de Agosto.

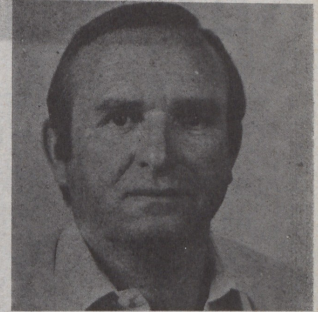
Será de âmbito internacional e dedicado à Arqueologia.

## COMANDANTE DISTRITAL DA P.S.P.

Foi nomeado comandante distrital da Polícia de Segurança Pública, de Viana do Castelo, o majôr Manuel Martins de Barros, natural da Peneda, freguesia da Gavieira.

As nossas felicitações com votos de muitas felicidades.

## DESCULPE-NOS, CARLOS AFONSO



No último número de "A Voz de Melgaço" e no artigo "Pela nossa Terra" de Carlos Alberto Afonso publicou-se a existência de 16 freguesias no nosso Concelho.

Carlos Alberto Afonso havia escrito com exactidão: 18 freguesias.

O erro pertence-nos.

Aqui apresentamos as nossas desculpas a Carlos Afonso e o esclarecimento aos nossos leitores.

## NESTE NÚMERO DE "A VOZ DE MELGAÇO"

História de "A Voz de Melgaço" em três capítulos.

— Por que em S. Rita? Homenagem inacabada.

— A. Luis Vaz, Palmira Domingues, M. S., Zé do Rio Minho, Aurélio Barbosa e António Luis Reinales.

— Do meu cantinho...

Padre Júlio Vaz. O Homem e a sua obra Literária, por Barros Soeiro.

— História local:

a) Associação Recreio Melgacense;  
b) Hotel Ranhada, uma instituição Melgacense;  
c) História de uma ponte que ainda não existe;  
d) Imprensa em Melgaço;

e) A Gafaria e a Capela de São Gião

— Livros Novos de escritores melgacenses e do Distrito de Viana.

— Poesia

— História local.

— Etc...

### VENDEM-SE

TERRAS DE CULTIVO E VINHA. CASA DE MORADA E POMAR. ESTRADA JUNTO À PROPRIEDADE. TRATA - OLINDA PEREIRA.

Telefone.: 42397 - ALVAREDO

Manuel António Ribeiro  
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro  
— MELGAÇO —

### VENDE-SE

Em Paderne - Melgaço - propriedade - Cancelas do Rego no lugar do Pinheiro. Dá 5 a 6 pipas de vinho e 80 cestos de milho. Com duas nascentes privativas. Tem corte, palheiro e um alpendre. Fica próximo da estrada.

Falar com José Joaquim Pereira. Aldeia.

Telef.: 42444



# DA VILA E CONCELHO

## DA VILA

### ALMOÇO DE CONFRATERNI- ZAÇÃO DAS AUTORIDADES FRONTEIRIÇAS

Para comemorar o feriado concelhio (8 de Maio), reuniram-se num almoço de confraternização as autoridades "LUSO - GALAICAS" da Guarda Fiscal e da Guarda Cível, cujo o almoço teve lugar no Restaurante "O Brasileiro" desta vila, em que estiveram presentes da parte portuguesa o Comandante de Secção da Guarda Fiscal Alferes João da Silva Sousa; Chefe da Secretaria Sargento Norberto Pereira; Comandante do Posto 1º Cabo Henrique Alves e Comandante do Posto Fronteiriço de S.º Gregório Sargento Manuel Gonçalves e da parte da Espanha o Comandante de Secção da Guarda Cível de Ponte Bargas, Brigada Luis Novoa Cerdeira; Comandante do Posto António Carballo Fernandez; Comandante do Posto Fronteiriço (ADUANA) Sargento Manuel Gonzales Suarez e os Cabos Francisco Taboa e Carlos d'Avila Rodriguez.

No fim do repasto, os dois Comandantes de Secção, usaram da palavra, pondo em relevo as boas relações de amizade que existem entre Portugueses e "Nuestros Hermanos".

Alfredo L. do Paço

#### SERRALHARIA ARTÍSTICA CODY

- PORTAS - CAIXILHOS -  
- MARQUISES -

(Tudo em Alumínio Anodizado)

de - Carlos Alberto Codesso  
Granjão - Paderne Telef. 42244

4960 Melgaço

#### FERNANDO LOURENÇO

Acompanhado de sua esposa Srª D. Ana Vieira Lourenço e filho Fernando Vieira Lourenço, esteve nesta localidade em visita à sua família e amigos o nosso prezado amigo e estimado assinante Sr. Fernando Lourenço, armazénista (Importação e Exportação) em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

#### DELIVRANCE

Na Casa de Saúde da Sofia da cidade de Coimbra, teve a sua feliz delivrance dando à luz um menino a Srª Dr.ª D. Maria Isabel Faial Ferreira Miguel Gonçalves de Barros, esposa do nosso conceterrâneo distinto médico especialista em otorrinolaringologia Sr. Dr. João Manuel Gonçalves de Barros, em serviço no Hospital Central daquela cidade.

Ao recém nascido, que é neto paterno do Sr. Alfredo Eurico de Magalhães Barros e da Srª D. Sára Maria Gonçalves de Barros, desejamos muitas felicidades e a seus pais os nossos parabéns.

#### ANIVERSÁRIO

Festejou o seu aniversário natalício a Srª Dr.ª D. Fernanda Neves Vaz, esposa do nosso conceterrâneo e estimado assinante Sr. Dr. Abe! Augusto Vaz, Conser-

vador do Registo Cível, Predial e advogado nesta vila.

Felicítamos a aniversariante e fazemos votos para que esta data se repita por muitos anos, no convívio de seus familiares.

#### ANIVERSÁRIO

Completou o seu 88º aniversário natalício a nossa conceterrânea Srª D. Isaulinda Augusto Colmeiro Fernandes.

Em sua casa, foi oferecido um almoço, que reuniu inúmeros convidados e familiares.

Os nossos parabéns.

#### ARQUITETO LUIS FERNANDES PINTO

Acompanhado de sua esposa, esteve a passar uns dias na sua residência da Quinta da Calçada desta vila o nosso amigo Sr. Arquitecto Luis Manuel Fernandes Pinto, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

#### MIGUEL ESTEVES CALDAS

Esteve entre nós de visita, acompanhado de sua esposa Srª D. Maria Pires Caldas, o nosso amigo e estimado assinante Sr. Miguel Esteves Caldas, residente na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

#### DR. JOSE DA SILVA NEVES

Acompanhado de sua esposa nossa conceterrânea Srª Dr.ª D. Maria Helena Esteves Caldas Neves, esteve entre nós de visita a seus familiares o Sr. Dr. José da Silva Neves, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

#### CASAMENTO ELEGANTE

Na Secular Igreja da Madalena em Vila Nova de Gaia, realizou-se com toda a sumptuosidade o enlace matrimonial da nossa conceterrânea Dr.ª Ana Maria Lobo Maia Pires, filha do nosso estimado assinante Sr. João Evangelista Pires, conceituado comerciante em S. Gregório, e da Srª D. Teresa Lobo Maia Pires, com o Sr. Engenheiro Carlos Manuel Rodrigues dos Santos, natural de Penafiel.

Foram padrinhos os pais da noiva.

Na Santa Missa à homilia o Rev.º Celebrante numa simples alocação, enalteceu as boas qualidades dos nubentes.

No fim do acto, foi oferecido um primoroso almoço no "Solar Aires Pereira" da cidade do Porto, servido pela Confeitaria "Primavera" de Matosinhos

a cerca de cento e cinquenta pessoas.

Ao gentil casal, que é dotado das melhores qualidades e simpatia e que partiu em viagem de núpcias para diversos países da Europa, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Alfredo L. do Paço

#### DECORE A SUA CASA COM MÓVEIS

#### «ACROPOLE»

De Ilda Afonso  
Avenida do Novo Hospital  
[junto ao Largo da Calçada]  
Tel. 42274 4960 Melgaço

- Veja os nossos móveis
- Consulte os nossos preços
- Dámos facilidade de pagamento
- Agradecemos a sua visita

#### RIBA MINHO TINTO

O sabor da tradição  
Quinta da Polita  
PENSO - MELGAÇO  
Engarrafado na origem  
Distribuição em Lisboa:  
Rua do Corpo Santo, 16-1º  
Tel. 366984



**NECROLOGIA**

**D. LAURA LOPES**

Na sua residência da Rua Verde, em S. Gregório, freguesia de Cristóval, deste concelho, faleceu rodeada do carinho de seus familiares a bondosa senhora D. Laura Lopes, solteira, de 71 anos de idade.

A extinta senhora era pessoa dotada de qualidades de carácter e bondade, que sempre a impuseram à geral consideração e amizade de que gozava, de todos qu-

antos a conheciam ou que com ela privavam.

Era irmã do nosso estimado assinante Sr. Alexandre António Lopes, da Sr<sup>a</sup> D. Maria Leonor Lopes, cunhada da Sr<sup>a</sup> D. Maria da Glória de Araújo Lopes, tia do nosso estimado assinante Sr. Dr. António Pedro de Araújo Lopes, do Sr. Francisco Manuel de Araújo Lopes e da Sr<sup>a</sup> D. Maria Alexandra de Araújo Lopes.

No seu funeral, q<sup>o</sup> se realizou com missa de corpo presente incorporaram-

-se algumas centenas de pessoas, vindas de diversas localidades, algumas das quais do país vizinho.

"A Voz de Melgaço", sensibilizada, apresenta a toda a família em luto o seu cartão das mais sentidas condolências.

Alfredo L. do Paço

**ANIBAL RODRIGUES**

Com a idade de 63 anos, faleceu na sua residência do lugar de Corujeiras, desta vila, o nosso amigo

e conterrâneo Sr. Anibal Rodrigues.

O extinto, pessoa de respeitabilidade e muito considerado no nosso meio, era casado com a Sr<sup>a</sup> D. Amélia Colmeiro, pai das senhoras D. Maria José Rodrigues, D. Fernanda Rodrigues e do Sr. António Rodrigues, irmão das senhoras D. Maria Rodrigues, D. Arminda Rodrigues e D. Isaura Rodrigues e dos srs. Manuel Rodrigues e António Rodrigues.

Conduziu a chave da urna o Sr. Augusto Peixoto, genro do extinto.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo L. do Paço

**EXPRESSO DO ALTO MINHO**

Comodidade — Rapidez — Economia — Autopullman de luxo — Serviço de Bar

**VIAGENS RESENDE**

Porto — Rua dos Carmelitas, 7  
Lisboa — Rua dos Bacalhoeiros, 20-A

**e AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.**

S. GREGÓRIO — BRAGA — LISBOA				S. GREGÓRIO — BRAGA — PORTO			
a	b	Localidades	a	b	a	Localidades	b
7.30	19.45 P	S. Gregório	C 20.25	7.30	19.45 P	S. Gregório	C 20.25
7.45	20.00	Melgaço	20.10	7.45	20.00	Melgaço	20.10
8.15	20.30	Monção	19.40	8.15	20.30	Monção	19.40
9.00	21.15	Arcos de Valdevez	18.55	9.00	21.15	Arcos de Valdevez	18.55
9.10	21.20	Ponte da Barca	18.45	9.10	21.20	Ponte da Barca	18.45
9.30	21.35	Portela do Vade	18.35	9.30	21.35	Portela do Vade	18.35
9.40	21.45	Pico dos Regalados	18.20	9.40	21.45	Pico dos Regalados	18.30
9.45	21.50	Vila Verde	18.15	9.45	21.50	Vila Verde	18.15
10.15	22.15 C	Braga	P 18.00	10.15	22.15 C	Braga	P 18.00
10.15	22.15 P	Braga	C 18.00	10.15	22.15 P	Braga	C 17.45
11.25	23.25 C	Porto	16.30	11.25	23.25 C	Porto	16.30
13.00	00.00 P	Porto	16.00				
18.00	5.00 C	Lisboa	11.00				

Observações	Observações
a) Excepto Sábados e Domingos	a) Aos Domingos
b) Aos Domingos	b) Excepto Sábados e Domingos

Compre agora e pague  
— em 12 MESES, em —  
**Móveis Castelo**  
DE Ramiro de Lima A. Cerqueira  
+  
RUA DAS ESCOLAS  
TELEF. 426 95 — 4960 MELGAÇO  
+  
EXPOSIÇÃO:  
RUA DA CALÇADA

**Bento Gomes**  
Materiais de Construção Civil  
\*  
Telefone, 421 13  
4960 MELGAÇO

**COMPRE**  
**Móveis Leais**  
ALEGRIA EM SUA CASA  
Aprígio Ferreira Leal  
Armazém Grupo C:  
LUGAR DA LOJA NOVA  
4960 MELGAÇO  
Sede e Fábrica  
TELEF. 962161 — MODELOS  
4590 PAÇOS DE FERREIRA

*E. c. Oliveira Rodrigues*  
**ADVOGADO**  
Largo Hermenegildo Solheiro  
— MELGAÇO —

**ELECTROVISÃO**  
Maria Adelaide Fernandes  
agente oficial das marcas AEG  
TELEFUNKEN e GRUNDIG  
Assistência Técnica  
VENDA DE APARELHOS  
ELECTRODOMÉSTICOS  
RUA DO RIO DO PORTO  
TELEFONE 42650 - 4690 MELGAÇO

**ELECTROTÉCNICA**  
António Solha & Irmão  
Praça da República — 4960 MELGAÇO  
• Rádio - Instalações Eléctricas  
• Televisão - Amplificações  
S. rras.  
Agentes da SIEMENS  
Assistência técnica qualificada  
TELEFONE, 4 22 94



## POESIA SENHORA DA SOLEDADE

Em Rouças, nesse cantinho  
Do Alto Minho,  
A Senhora, há devoção  
Do coração!  
E com solenidade  
Venera a Senhora da Soledade.

Senhora!  
E tão bom estar contigo  
Sentir o Teu manto amigo

A envolver-nos com doçura  
E com tanta ternura!  
Tanta angústia e desventura

Tanta cicatriz de dor  
E curada com o Teu Amor!

Teu olhar de sofrimento

Nos olha a todo o momento!

Tu, no-lo dás a sorrir  
Para a nossa dor colorir

De alegria  
No Teu coração, Maria!

Teu olhar de compaixão  
E já o perdão,  
O Sol, a luz  
Que ilumina tanta cruz  
Prestes a partir  
E a sucumbir  
Na aventura  
Pela vida, tão dura!

Nesse oásis de oração,  
Es a mansão  
De todo o coração  
Que sofre e chora  
E implora  
A Tua protecção!

No Teu olhar magoado  
Pelo pecado  
Nos pedes Amor  
Para a Tua dor!  
Es, do céu, um pedacinho

Qual bercinho  
De paz e de ventura  
Nesta Terra tão escura!

Senhora da Soledade  
Olha a Humanidade  
Sedenta de paz!  
Abençoa a família "Vaz"  
Que a Ti está ancorada  
Desde a sua alvorada!



Carolina Granja

Oh! como eu sinto saudade  
Da Senhora da Soledade  
Que em Rouças me sorriu  
E com Seu manto me cobriu!  
O Seu olhar...  
E a estrela do meu caminhar!

Carolina

Que ambiciona ser criança  
Num mundo mais humano e fraterno  
Onde acabe o "inferno"  
Da inveja, do ódio, do despudor  
E se construa um autêntico paraíso...de Amor!

Carolina

## SER CRIANÇA:

### SER CRIANÇA:

Ser criança  
E ser vivente esperança  
Nesta sociedade barulhenta  
Mas sedenta  
Do bulício infantil  
Saudavelmente gentil  
O único capaz de modificar  
E até mesmo renovar  
O mundo tão embebido  
De orgulho sem sentido.  
Ser criança  
E sér, na vida, áurea  
lança  
Rasgando caminhos de amor  
Suavizando a dor  
De cada ser  
(Homem ou mulher).

### N. R.

Carolina é nome de baptismo da autora das poesias que inserimos nesta página: "Senhora da Soledade" e "Ser Criança".

A imagem da Senhora da Soledade que tão docemente e espiritualmente a inspirou foi oferecida à igreja de Rouças pelos antepassados dos padres "Vaz" pelo lado materno: os Salgados, da Pombeira.

O criador da linda imagem encontrou a intérprete da sua inspiração artística na alma poética de Carolina Granja.

ASSINE E DIVULGUE  
A VOZ DE MELGAÇO

## UM HOMEM

Um homem que resigna livremente

A quanto a vida de prazer contém,

Votando o seu viver inteiramente,

Ao bem da sua Pátria, nossa Mãe.

\*\*\*

Um homem que oferece, consciente,

Aos seus pátrios irmãos o próprio bem,

Sentindo em sua alma, cristãmente,

Que todo é deles o valor que tem.

\*\*\*

Um homem que concebe o seu destino

Servindo a Pátria e Deus em devoção,

Transcende do humano ao que é divino.

\*\*\*

— E em Portugal assim consome,

Que nestes versos, pobres de expressão,

Digo quem seja, sem dizer o nome.

António C. de Oliveira

## Homem Liberta-te!...

*Homem, liberta-te  
Da massificação do mundo  
Desafoga-te e ergue-te  
Da pressão da mentira  
Da injustiça e da máscara  
Das palavras profanadas*

*Homem, liberta-te  
Amando, respeitando sempre  
A todos  
E a ti mesmo*

*Homem, liberta-te  
No santuário aberto  
Da tua consciência  
Onde mora Deus  
E  
O teu eu.  
Ai  
Tu és!...*

António Bento